

Valores da vida

Família, professores e amigos



Francisco Orniudo Fernandes

Edições



CRM-PB
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA

ideia

EDIÇÃO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA – PB

GESTÃO 2018-2023

DIRETORIA

Mandato 1º de abril/2021 a 31 de março/2021

Presidente: João Modesto Filho

1º Vice-presidente: Antônio Henriques de França Neto

2º Vice-presidente: Débora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti

1º Secretária: Luciana Cavalcante Trindade

2º Secretário: Walter Fernandes de Azevedo

Tesoureiro: Heraldo Arcela de Carvalho Rocha

2º Tesoureiro: Bruno Leandro de Souza

Corregedor: Klécio Leite Fernandes

Vice corregedor: Valdir Delmiro Neves

CONSELHEIROS DO CRM-PB

EFETIVOS	SUPLENTES
Álvaro Vitorino de Pontes Junior	Ana Karla Almeida de Medeiros Delgado
Antônio Henriques de França Neto	Arlindo Monteiro de Carvalho Junior
Bruno Leandro de Souza	Arnaldo Moreira de Oliveira Junior
Dalvílio de Paiva Madruga	Cláudio Orestes Britto Filho
Debora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti	Felipe Gurgel de Araújo
Diogo de Medeiros Leite	Francisco Antônio Barbosa de Queiroga
Emerson Oliveira de Medeiros	Gláucio Nóbrega de Souza
Fernando Salvo Torres de Mello	Guilherme Muniz Nunes
Flávio Rodrigo Araújo Fabres	Jânio Cipriano Rolim
Heraldo Arcela de Carvalho Rocha	José Calixto da Silva Filho (Rep. Suplente da AMPB)
João Alberto Morais Pessoa	Juarez Carlos Ritter
João Gonçalves de Medeiros Filho	Marcelo Gonçalves Sousa
João Modesto Filho	Márcio Rossani Farias de Brito
Jocemir Paulino da Silva Junior	Mário de Almeida Pereira Coutinho
Klécio Leite Fernandes	Mário Toscano de Brito Filho
Luciana Cavalcante Trindade	Og Arnaud Rodrigues
Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes	Philippe Oliveira Alves
Roberto Magliano de Morais	Ricardo Loureiro Cavalcanti Sobrinho
Valdir Delmiro Neves	Umberto Joubert de Morais Lima
Walter Fernandes de Azevedo	Wagner da Silva Leal
Wilberto Silva Trigueiro	

Valores da vida

Família, professores e amigos

Francisco Orniudo Fernandes

Direitos da edição reservados ao CRM-PB.
A responsabilidade sobre textos e imagens é do autor.

Capa/Editoração: Magno Nicolau

Revisão: José Tarcízio Fernandes

Ilustração da capa: *Leonardo Gadelha de Oliveira*
Parque Sólón de Lucena, João Pessoa-PB

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F363v Fernandes, Francisco Orniudo.

Valores da vida: família, professores e amigos [recurso eletrônico] / Francisco Orniudo Fernandes. – Dados eletrônicos: João Pessoa: Ideia, 2021.

2mb pdf

ISBN 978-65-5608-206-6

1. Autobiografia. 2. Fernandes, Francisco Orniudo. 3. Memórias. 4. Crônicas. I. Título.

CDU 82-94

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810

Contato com o autor:

orniudo@uol.com.br / blog: orniudofernandes.blogspot.com

EDITORA

www.ideiaeditora.com.br

contato@ideiaeditora.com.br

Ao primo e compadre José Tarcízio Fernandes, o prefaciador que não mediu esforços para o amadurecimento e conclusão deste trabalho.

Ao amigo Ricardo Antonio Rosado Maia, que se dispôs a fazer a apresentação de memórias da vida pessoal, profissional e familiar.

Aos professores Ivanilda Marques e Laerte Pereira, amigos que se prontificam sempre com colaborações preciosas, orientação e revisão de alguns textos.

Ao amigo Leonardo Gadelha de Oliveira, pela sua sensibilidade e arte em fotografar uma bela paisagem que expressa a riqueza da vida através dos belos ipês e uma linda garça, encantando a Lagoa no Parque Sólon de Lucena.

GRATIDÃO

Aos familiares, mestres e amigos, que tiveram participação expressiva e decisiva nos momentos difíceis de minha luta estudantil e êxito profissional.

Marione Cortez Pessoa, colega médica contemporânea de faculdade na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi incentivo à decisão de fazer a especialização em infectologia, na cidade de São Paulo, onde conclui pós-graduação, passo essencial para a minha realização profissional.

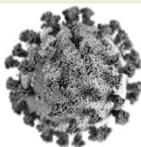
À professora Francisca Fernandes da Silva (Pantica) e à Dra. Maria Cristina Fernandes pela autorização dada para uso de textos de Memorial de Família, obra de autoria do professor João Bosco Fernandes e Dr. Antônio Fernandes Mousinho.

Aos fotógrafos, Arion e Oriel Farias pela montagem fotográfica do meu perfil e autorização para uso da imagem.

A Sérgio Soares Brandão, pela colaboração na editoração.

MANIFESTO

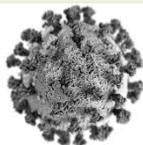
Diante da grave pandemia deste Século XXI, sinto-me no dever de lamentar, como infectologista, o destino que tiveram colegas e amigos médicos, perdendo as vidas na heroica luta de salvação das vítimas da COVID-19.



- 1 – Maria de Fatima Avila Castelo Branco
- 2 – Solon Pereira Lopes Ferreira
- 3 – Geraldo Antônio Leite
- 4 – Marcos Antônio Barbosa de Paiva
- 5 – Oriel Brilhante de Oliveira
- 6 – Orlando Augusto Damascena
- 7 – Ricardo Pereira Passos
- 8 – Ana Lúcia Freire Cantalice
- 9 – Marco Aurélio de Oliveira Barros
- 10 – Geraldo Arnaud de Assis Júnior
- 11 – Gessner Agra Cararí Caetano
- 12 – Maria de Fátima Cartaxo Costa de Araújo
- 13 – José Aldo Simões e Silva
- 14 – Roberto Abrantes Pinto de Oliveira
- 15 – Marlene Abrantes
- 16 – Simão Pedro Carcará Reinaldo de Souza
- 17 – Égina Maria de França
- 18 – Vilma de Lourdes Torres Soares Bolitreau
- 19 – José Péricles Rodrigues Neves
- 20 – Fernando Luiz Gomes de Carvalho
- 21 – Manoel Beirão Bolitreau
- 22 – Azuir Lessa
- 23 – José Oscar Lustosa de Oliveira

- 24 – Antônio Ricélio de Oliveira
- 25 – Guilherme Augusto Costa Vasconcelos
 - 26 – Antônio Loureiro Gomes
 - 27 – Fábio Vicente Sobral Silva
 - 28 – Firmino Brasileiro Silva
 - 29 – Vanduí Leandro de Oliveira
 - 30 – Antônio Ivanês de Lacerda
 - 31 – Fernando Ramalho Diniz
 - 32 – Mariza Oliveira de Souza
- 33 – Eva Riama Torres de Andrade
- 34 – Alejandro Terehoff Gonzalez
- 35 – Antônio Queiroga Gadelha
- 36 – Maria da Salete de Lucena Batista
- 37 – Napoleão Gomes de Albuquerque
 - 38 – Lucas Alves Costa
 - 39 – Jose Rodrigues Lopes
- 40 – Roberto Fernando Cavalcanti Meira
- 41 – Alfredo José Ferreti Cisneros
 - 42 – Lauri Ferreira da Costa
 - 43- Clodoaldo da Silveira Costa
 - 44 – José Mangueira Ramalho
 - 45 – Rafael Rodrigues Holanda
- 46 – Silvana Soraya Gouveia Henriques Martins

Homenagem Especial aos Profissionais da linha de frente da Pandemia do COVID-19



Ainda se vive uma guerra silenciosa e dolorida contra a pandemia da COVID-19 e da pandemia do sentimento malsão do desrespeito e intolerância ao ser humano.

Os profissionais da saúde são alguns desses heróis que estão bem na linha de frente desta batalha, ainda a preocupar o mundo.

Os colegas médicos, nas emergências dos hospitais da rede pública e privada, nos ambulatórios, nas UTIs, nos apartamentos dos hospitais, enfermarias, nas UPAS, UFAS e PSF, dedicam-se brava e incansavelmente para salvar vidas. Em momento tão grave e delicado que a humanidade atravessa desde o início da pandemia, são eles autênticos paladinos de uma batalha ininterrupta, sem férias, muitas vezes, sem condições de trabalho e segurança adequadas, não raro, sofrendo agressões físicas ou morais.

Não menos importante o trabalho desempenhado por outros profissionais - médicos legistas, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais, farmacêuticos, equipes de vacinações, recepcionistas, atendentes, maqueiros, motoristas de ambulâncias e ônibus, policiais, funcionários de funerárias, garis, coveiros, entre outros.

*A vida não é a que a gente viveu e sim
a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.*
(Gabriel Garcia Marques)

*A vida é feita apenas de instantes e, por isso,
seria bom viver com mais paixão.
Viver é sustentar uma alma que teima e não se entrega.*
(Genival Veloso de França)

*Apressa-te a viver bem e pensa que cada dia é,
por si só uma vida.*
(Sêneca)

A vida e a morte se encontram no final.
(Balduíno Lélis)

*O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa
vida que não tenhamos, nisso, um dia a menos nela.*
(Fernando Pessoa)

Sumário

Prefácio	
Verdades, obstáculos, vitórias e lições de vida	13
José Tarcizio Fernandes	
Apresentação	16
Ricardo Rosado Maia	
Introdução	18
Francisco Orniudo Fernandes	
Família – em definições e frases	21
Capítulo I	
Origem da família Fernandes	23
Capítulo II	
Mensagens sobre Professores	28
Capítulo III	
Crônicas sobre os amigos.....	32
Capítulo IV	
Uma vida longa – Suas etapas	35
Capítulo V	
Uiraúna, minha cidade berço	38

Capítulo VI	
Vida Estudantil	45
(Primário, exame de admissão, cursos ginásial e científico)	
Capítulo VII	
Graduação	56
Capítulo VIII	
Pós-Graduação.....	65
(Epidemias: meningite meningocócica – febre tifoide – Encefalite do Vale da Ribeira)	
Capítulo IX	
De volta à Paraíba	83
(Atividades profissionais e de magistério; atividades científico-cultural; atividades associativas)	
Capítulo X	
A família- sua construção.....	100
Capítulo XI	
Reconhecimentos	103
Referências	108

PREFÁCIO

VERDADES, OBSTÁCULOS, VITÓRIAS E LIÇÕES DE VIDA

Francisco Orniudo Fernandes decidiu, enfim, falar sobre si mesmo.

E o faz desde o nascimento até os maduros anos com que brinda a vida, na condição privilegiada de professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba e de médico, ainda em vigorosa e lúcida atuação – vigorosa, lúcida e cercada do reconhecimento de quantos têm ciência do alto padrão de sua prática profissional.

E não apenas por esse alto padrão no exercício da medicina que exerce, aprimorado com entusiasmo e zelo ao longo dos anos. Mas também à luz do aspecto moral e ético que o acompanha, a fazer o autobiografado mais altear-se em dignidade para mais engrandecer e tornar respeitada a carreira que abraçou.

É assim que está ele em todos os pequenos e grandes passos que dá, como médico ou cidadão comum no contexto social em que vive. E assim está, sem perder o senso de equilíbrio das coisas que mais se consolida e se afirma no traço da humildade que preserva, ao revelar por inteiro nesta obra as ingentes dificuldades transpostas para vencer a dura trajetória da vida, em adversas batalhas para um órfão de mãe, quando estava apenas com oito anos de idade.

Desse primeiro grande choque emocional da infância, desdobram-se fatos em volta do adolescente, professor e médico que seria. E é nessa autobiografia que vai ele descortinando-os aos olhos do leitor, como a proclamar a verdade de quão saborosos são os frutos colhidos de uma árvore plantada na seara fecunda das dificuldades e da audácia espiritual, a servir de alimento à causa de um sonho que se persegue.

Como estímulo de sadio orgulho, lança mão da autobiografia – ninguém melhor do que o próprio receptor dos repuxos existenciais para, abrindo mente e coração, abrir seu universo interior e fazê-lo exposto, como forma ou meio de induzir motivação a outros, indiferentes ou entregues, não raro, a desânimos ruinosos no enfrentamento dos problemas que lhes inibem a consecução de vitórias, algumas até fáceis por vezes.

Suas memórias agora se libertam para oferecer aos olhos de todos o quadro em moldura bem ajustado às mensagens de vida com que foi talhado, a servir de ensinamento útil a quem delas vier a tomar ciência, forjadas por esse que praticou na Paraíba e fora dela, como professor e médico, duas das mais altas e humanas missões, marcada do elevado grau de decência, estudo, sabedoria e competência, envoltas na auréola da humildade que mais as enobrece e lhes dá credibilidade e prestígio.

Escrever uma autobiografia é ver-se compartilhado e fundido no coletivo, saindo da comodidade de seus espaços individuais fechados para entregar-se ao leitor-público, com toda a sua carga de realidade tangível e intangível. E com o leitor-público dividir seu mundo pessoal, interior, seus caminhos percorridos, suas memórias. Fazer de si mesmo a partilha com ele, narrando os momentos significativos e significantes que lhe deram ânimo e objetivos para lutar em prol deles e vencer.

É assim que se fez a autobiografia do professor e médico Orniudo Fernandes.

O conteúdo, em 11 capítulos, conta etapas de uma trajetória que fácil não lhe foi romper, o que confere aos êxitos mais brilho no justo conceito dos grupos sociais, a que a obra se destina, com destaque para: Capítulo IV - Uma vida longa e suas etapas; Capítulo V – Uiraúna, minha cidade berço; Capítulo VI – Vida estudantil “ Primário, Exame de Admissão, Curso Ginásial e Científico”; Capítulo VII – Graduação; Capítulo VIII – Pós-graduação “Epidemias: Meningite Meningocócica – Febre Tifóide – Encefalite do Vale da Ribeira; Capí-

tulo IX – De volta à Paraíba “ Atividades de professor e médico, científico-culturais, associativas”; Capítulo X – A família – sua construção; Capítulo XI - Reconhecimentos.

Ao leitor, agora, para as reflexões que extrair dos exemplos de vida que borbulham desta autobiografia.

José Tarcizio Fernandes

APRESENTAÇÃO

Os escritos de Orniudo à medida que nos concentramos na leitura, enxergamos o valor afetivo, socioantropológico sertanejo dos anos 40 e 50 e como era difícil ter acesso à educação.

O alto sertão vivia essencialmente da agricultura e o distrito de Uiraúna, era um povoado que abastecia com o essencial, os habitantes das circunvizinhanças. Estudar era o passaporte que poderia oportunizar um curso superior. Dessa forma muitos sertanejos foram para o seminário e daí seguiam para outros cursos.

O contexto político era complexo, vivia-se o período Getulista com forte matiz fascista, no entanto, imbuído de um nacionalismo consistente patrocinou ações governamentais com grandes benefícios para a classe trabalhadora. Uma guerra mundial paralisava a Europa e repercutia no resto do mundo causando estagnação. Após a II Guerra Mundial surgiram lampejos de humanismos e a educação após os anos cinquenta começa a chegar ao sertão.

No caso de Orniudo, o pai que era do clã dos Fernandes, família sertaneja emigrada da península ibérica, certamente com DNA marrano, nitidamente chamava atenção por possuírem um quociente de inteligência acima da média, com esforço, superando as limitações financeiras, propiciou a alfabetização e posteriormente encaminhou o menino para o seminário e, daí em diante já com um norte estabelecido, alçou voos mais altos passando por Campina Grande, onde fez os dois primeiros anos científico e mais adiante deslocou-se para Natal onde concluiu o curso científico e ingresso na Faculdade de Medicina.

A vida pode ser entendida como longa estrada cujos acasos nos ensinam convívios que aos poucos identificam as qualidades que notabilizam as pessoas. Nesse caminho as dificuldades viram alavancas que nos impulsionam na construção da vida e da família.

O início do livro tece considerações do momento de pandemia que vivemos e, que provavelmente, no isolamento imposto, a

mente foi terreno fértil para invocar as vivências passadas, paisagens da longa estrada que percorre a 75 anos. Tempos pretéritos de dificuldades, incertezas e êxitos.

O enfoque da pandemia é consistente no aspecto técnico e nas repercussões emocionais quando faz uma justa homenagem as perdas de vidas, sobretudo de colegas médicos. Fala das experiências vividas na sua formação e no exercício profissional.

Expressa sua gratidão e elogia os que o ajudaram, aos professores que lapidaram o seu saber e os amigos. Lembra a infância, o período de seminário que serviram de base para o que aconteceu depois (amadurecimento pessoal, profissional e constituição de uma família).

Por fim o livro vale a pena de ser lido, cada parágrafo é uma lição de vida e superação que nos sensibiliza e serve de exemplo.

Ricardo Rosado Maia

INTRODUÇÃO

Desde o século passado, o homem vem ultrapassando profundas transformações nos valores da vida representados pela família, professores e amigos, segmentos sociais que alicerçam a sociedade equilibrada.

Este livro condensa sentimentos e emoções da história prolongada de uma vida profissional plena de momentos marcantes de alegria e sofrimento.

Valores de família, professores e amigos trazendo, no seu conjunto, pensamentos e manifestações vários de personalidades diversas que se complementam entre si em capítulos sobre etapas de longevos anos. Viver é permanente exibição artística do ser humano, a desempenhar papéis na arte do AMOR, como pedra singular na construção do edifício familiar, em que se assenta a história de todos os povos.

A família é a mais antiga instituição social.

O Direito de Família, de que trata o Código Civil vigente, bem a define como o núcleo formado pela união entre o homem e a mulher por meio do casamento legal civil, ou religioso com efeitos civis, ou por força da simples união estável, a constituir o todo da comunidade de pais e descendentes, embora construções doutrinárias e jurisprudenciais, à margem do pretendido Estatuto das Famílias, em Projeto de Lei não votado e aprovado, tenham ampliado o conceito secularmente consagrado de constituição da entidade familiar na atualidade. E o fizeram para tutelar todas as estruturas presentes na sociedade moderna, independentes da diferença do gênero entre o casal constituído.

A estrutura familiar mudou.

Hoje, a família ganhou nova configuração na abrangência de dois pais, duas mães, somente o pai ou somente a mãe com filhos biológicos ou adotados, viúvo ou viúva, enfrentando os encargos do

lar. E independentes ou não economicamente, filhos passam a residir em seus apartamentos.

Desde o ano de 2020, com a eclosão da pandemia da COVID-19, as famílias estão enfrentando um terremoto no ambiente dos seus lares, determinado pelo confinamento, isolamento, pânico, medo da morte e das sequelas dos que sobrevivem aos casos graves. A comunicação entre familiares passou a ser feita através do celular e WhatsApp. Desagregação familiar e separações aumentaram com a pandemia.

Os pais precisam dialogar com os filhos em todas as etapas da vida, desde a mais tenra idade, para que eles se desenvolvam em harmonia e com respeito.

O período escolar é de extrema importância para o desenvolvimento físico, emocional, de interação entre colegas de classe e, sobretudo, entre os professores, representantes dos pais na educação.

Os professores, são os mentores em quem os pais depositam total confiança na transmissão de seus ensinamentos, a maioria deles impregnados de genuíno heroísmo em salas de aulas. Trabalham com amor e dedicação, cativando a admiração dos alunos e o respeito mútuo. A partir do século passado e nas últimas décadas, houve uma grande transformação na política educacional e comportamental, da relação professor-aluno.

O ensino universal, do básico ao de nível superior, vem se deteriorando progressivamente, com falta de respeito, agressões, assédios e até mortes entre os corpos docente e discente. As instituições públicas eram disputadas pela excelência de qualidade. Proliferou-se o ensino privado em todos os níveis. O professor perdeu o estímulo pela profissão devido à falta de incentivo ao bom desempenho, recebendo salários defasados.

A pandemia da COVID-19 ocasionou no Brasil, o fechamento de toda a rede de ensino, pública e privada, impedindo as aulas presenciais como medida de contenção da propagação viral pela contaminação causada pelos infectados, assintomáticos ou quadro gripal. Instituiu-se o ensino “online” por meio das redes sociais, com aulas, palestras, *lives*, *webinar*, conferências e até concursos.

É muito difícil contabilizar o prejuízo econômico e, de maior importância, o emocional.

Quanto aos amigos, é preciso selecioná-los, porque serão importantes suportes nos momentos de dificuldades, são integrantes da família no cotidiano, nas confraternizações e nos instantes de alegria. Quando amadurecemos não perdemos amigos, selecionamos os que são verdadeiros.

Tive poucos amigos durante a infância e a adolescência, amizade de curta duração enquanto vivi em minha terra natal, Uiraúna (PB). Os amigos mais próximos foram construídos durante o curso científico em Campina Grande (PB), na Faculdade de Medicina em Natal (RN), e, na pós-graduação, no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo (SP).

Mas, o maior amigo é aquele que vive com você qualquer tempo ou lugar em situações de dificuldades e sofrimentos, mas também, nos momentos de alegrias e lazer que a vida lhe oferece.

Expresso minha profunda gratidão aos colegas que prestaram atendimento e tratamento, atencioso e afetuoso, a mim e à esposa Romilda Telino de Abreu Fernandes, durante o acometimento da COVID-19, doutores Érica Araruna, Galileu Ricarte Machado Dantas, Francisco de Assis Paiva, João Bosco Medeiros, Francisco de Assis Freitas, Joana D'Arc Frade, Martina Oliveira (SP) e, aos amigos, Ricardo Antonio Rosado Maia, Humberto Vicente de Araújo, Leonardo Gadelha de Oliveira e Manoel Jaime Xavier Filho, diariamente, me motivando em telefonemas, áudios e vídeos, com palavras de afeto, alimentando a esperança de plena recuperação.

O calor e o amor dos filhos Anna Paula Telino de Abreu Fernandes, Francisco Orniudo Fernandes Filho que nos socorreram para o Hospital da Unimed de João Pessoa, foram fundamentais no atendimento precoce da doença. Contamos também com a preocupação e o apoio permanente, à distância, de George Telino de Abreu Fernandes (São Paulo) e Rodrigo Dias Ferreira Fernandes (Brasília); além da cunhada Nielza Telino de Abreu que esteve sempre presente. Gratidão ainda à Nabineide Lopes Evangelista (Neide).

Francisco Orniudo Fernandes

FAMÍLIA - EM DEFINIÇÕES E FRASES

Ame sua família. Ela constitui a primeira grande escola de amor, respeito e responsabilidade. Ame seus professores. São eles que lhe abrem o caminho da vitória na vida pelas lições do saber transmitidas. Ame seus amigos. Eles são raros.
(Francisco Orniudo Fernandes)

A família é a primeira e mais essencial célula da sociedade.
(João Paulo II)

Você não escolhe a família – Ela é a presença de Deus para você, como você é para ela.
(Desmont Tutu)

Os momentos mais felizes da minha vida foram aqueles, poucos, que pude passar em minha casa, com minha família.
(Benjamin Franklin)

Paz e harmonia: eis a verdadeira riqueza de uma família.
(Thomas Jefferson)

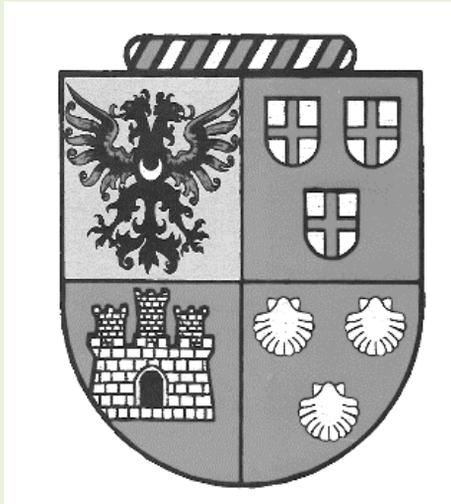
O amor da família e a admiração dos amigos são muito mais importantes do que riqueza e privilégios.
(Charles Kuralt)

A família é como a varíola: a gente tem quando criança e fica marcado para o resto da vida.
(Jean Paul Sartre)

A família não nasce pronta; constrói-se aos poucos e é o melhor laboratório do amor. Em casa, entre pais e filhos, pode-se aprender a amar, ter respeito, fé, solidariedade e companheirismo.
(Luís Fernando Veríssimo)

CAPÍTULO I

ORIGEM DA FAMÍLIA FERNANDES



Brasão da Família Fernandes

O antigo brasão da família Fernandes se constitui de um escudo dividido em quatro partes. A primeira, de ouro com uma águia de duas cabeças, de preto, armada de vermelho, carregada de um crescente de prata no peito. A segunda, em vermelho, com três pequenos escudos de prata e uma cruz de vermelho em cada um. A terceira, também em vermelho, com um castelo de prata. A quarta, com três vieiras feitas de prata. Timbre: uma águia estendida, de uma só cabeça, em cor negra, com uma tarja do segundo quartel no bico, pendente um torçal em vermelho.

[Retorna ao Sumário](#)

Fernandes é sobrenome de origem patronímica, de nobre família portuguesa derivada do nome próprio Fernando (espanhol) que, provavelmente, pertencia ao instituidor da família. A terminação “es” tem o significado de “filho de”. Alguns registros indicam que o significado de Fernandes seja pessoa de boa família. Os Fernandes não apresentam uma só origem, duas das quais têm armas próprias. É um sobrenome bastante conhecido em Portugal e que posteriormente passou a se expandir pela Europa.

Diogo Fernandes Correia, feitor de Dom João II, na província de Flandres, e Cavaleiro de sua casa, foi um dos primeiros Fernandes registrados na história de Portugal. Ele recebeu o brasão das armas da família Fernandes pelos serviços prestados ao imperador João II, em 1488, o décimo terceiro rei de Portugal que tinha como codinome “Príncipe Perfeito” para exprimir a forma como exerceu o poder.

Família Fernandes sua origem na Paraíba Resumo histórico

No final do Século XVII três portugueses (dois irmãos e um primo), pertencentes à família Fernandes Pimenta emigraram para o Brasil, provindos da cidade do Porto, em Portugal, originários da Vila do Faral, na região Douro, norte do país, pertencentes à família Fernandes Pimenta.

O primeiro deles, Antonio Fernandes, de alcunha Pimenta, por ser muito vermelho, daí a origem dos Fernandes Pimenta. Ele fixou residência nos vales férteis de Mamanguape na Paraíba. Concorrou-se duas vezes, a primeira com Joana Frankilina do Amor Divino, portuguesa; e a segunda, com Josepha Maria da Incarnação, natural de Mamanguape. Dois dos seus filhos: José Fernandes Pimenta e André José Fernandes subiram para o sertão e fixaram residência na freguesia de Campo Grande, hoje Augusto Severo no Rio Grande do Norte, onde instalaram a fazenda de gado “Riacho do Pimenta” na ribeira do Upanema, que ainda existe até os dias de hoje.

[Retorna ao Sumário](#)

O outro irmão firmou residência entre Pau dos Ferros e Serra do Martins, no Rio Grande do Norte, constituindo os Fernandes de Queiroz. E o terceiro seguiu rumo ao Ceará e fixou-se em Cachoeiro do Rio Sangue, dando origem aos Fernandes Távora.

Ocuparam as chapadas férteis dos climas serranos e nelas implantaram fazendas de gado, ou exploraram as imensas pastagens que se estendiam por entre as ribeiras dos rios Piranhas, Apodi e Jaguaribe. (“in”Revista nº 102, volumes 18 e 19, anos 1920-1921, do *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*).

Ao longo dos últimos três séculos, a família Fernandes abrange diversos grupos familiares que se entrelaçaram.

Minha família se insere nos ramos **Vieira da Silva, Vieira Coelho, Fernandes Vieira** - compreendendo as Regiões de Tenente Ananias – Rio Grande do Norte; Uiraúna (Sítios Quixaba, Santa Umbelina, Bujary, Canadá); Sousa – (Prensa e Serra Branca) – Estado da Paraíba.

Terra natal, tronco familiar

Francisco Orniudo Fernandes, nasceu em 15 de novembro de 1946, décimo dos quatorze filhos do casal Francisco Euclides Fernandes e Ana Socorro Fernandes (Cina), no então Distrito de Uiraúna, de Antenor Navarro. Em dezembro de 1953, a Assembleia Legislativa da Paraíba aprovou a lei de emancipação de Uiraúna tornando-o novo município paraibano, distante 476 quilômetros de João Pessoa, capital do Estado.

Durante minha existência convivi com os irmãos Antonio Orgenaldo Fernandes, Francisco Assis Fernandes, Francisca Francinethe Fernandes (Francineide), Maria da Guerra Fernandes (Maria Cândida), *in memoriam*, José Orlando Fernandes, *in memoriam*, Ana Orcina Fernandes (Irmã Anita), *in memoriam*, e Francisco Euclides Fernandes Filho (Francinaldo) *in memoriam*. Com Francisco Euclides Fernandes Filho tive pouca convivência, porque desde cedo residia ele em São Paulo e raramente tínhamos contato.

- Avós maternos: Marcelino Josa Vieira (Salo) e Maria Ementina Fernandes das Chagas.

[Retorna ao Sumário](#)

- Avós paternos: Euclides Fernandes Moreira e Joaquina Domintina Costa e Sá.

Enaltecimento à família

Meu pai, Francisco Euclides Fernandes, era um homem popular, muito ligado ao trabalho e à família. Sabia ler e escrever, tinha habilidade em trabalhar com números. Proprietário da Casa São Francisco, vendia tecidos, colchões, chapéus (representante das marcas Prado e Ramezoni), e camas Patente. Dono de pequena propriedade no Sítio Agreste, de onde colhia milho, feijão, macaxeira, mamão, melancia, limão, manga, graviola, dentre outros produtos do campo.

Muito religioso, com a autorização do vigário local, construiu com recursos próprios o altar de São Francisco no interior da igreja Matriz, doando a imagem. Durante décadas, fornecia óleo para a iluminação do Santíssimo Sacramento. Construiu casas populares na Rua São Francisco, fazendo doação de uma unidade para Isaura, uma jovem que durante alguns anos trabalhou em nossa residência.

Durante o período da Páscoa, costumava comprar balaios de pão para distribuí-los com pessoas carentes.

Contabilizava cerca de cem afilhados de batismo, uma clara demonstração do respeito e admiração que tinham por ele.

Nunca exerceu cargo político, embora em algumas eleições trabalhasse para seus candidatos. Exerceu o cargo de Delegado da Vila de Uiraúna, durante vários anos.

Ana Orcina Fernandes, minha genitora, após promessa que fez à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em sua frágil saúde, trocou o seu nome em cartório para Ana Socorro Fernandes. Dela guardo pouca lembrança. Dedicada ao lar, era católica fervorosa e muito querida pela família.

Dos treze irmãos que tive, usufrui das companhias e afeto de Maria Cândida Fernandes, José Orlando Fernandes, Ana Orcina Fernandes, Antonio Orgenaldo Fernandes e Francisco Assis Fernandes, na infância e adolescência. Francisca Francinethe Fernandes, Fran-

cisco Euclides Fernandes Filho (Francinaldo) e José Marcondes Fernandes, irmãos por parte de pai, passei a conviver com eles já adultos, anos após, porque residiam em São Paulo.

Apelo à comunidade paterna

*Queremos a família sempre unida,
Vivendo amistosa relação,
Aproveitando da efêmera vida
Seus instantes felizes de emoção.*

*Valorizemos nossas convergências,
Que assinalam a nossa identidade,
Mas aceitemos nossas divergências,
Com compreensão, naturalidade.*

*Que inevitáveis desentendimentos
Não se convertam em inimizades,
Que as pendências, os constrangimentos
Não gerem intrigas, nem hostilidades.*

*Que a lealdade e a sinceridade,
Predominem em nossa convivência;
Que o espírito de amor e de verdade,
De nossa união seja sempre essência.*

*Que avareza ou egoísmo
Não nos seduzam em sua tentação;
Que mais fraternidade e altruísmo
Sejam vínculos desta comunhão.*

*Gratos eventos, momentos felizes,
Sejam vividos efusivamente;
Horas sombrias de tristeza e crises
Sejam sentidas solidariamente
(Sebastião Ayres)*

CAPÍTULO II

MENSAGENS SOBRE PROFESSORES

Profissão de Professor e suas verdades

“Os professores, com o seu saber, paciência e dedicação, transmitem uma maneira de ser que se transforma em riqueza, não material, mas imaterial, criando o homem e a mulher do amanhã. Esta é uma grande responsabilidade. A função, como agentes educativos, deve ser reconhecida e apoiada com todos os meios possíveis. Se o objetivo é oferecer a cada indivíduo e a cada comunidade o nível de conhecimentos necessários para ter sua própria autonomia e ser capaz de cooperar com os outros, é importante investir na formação dos educadores com os mais elevados padrões de qualidade em todos os níveis acadêmicos. Uma das maneiras fundamentais de melhorar a qualidade da educação no âmbito escolar é inserir uma das famílias e comunidades locais nos projetos educacionais. Elas fazem parte da educação integral, pontual e universal”.

(Papa Francisco)

O Professor – suas qualidades

“Se há uma criatura que tenha necessidade de formar e manter constantemente firme uma personalidade segura e complexa, essa é o professor.

Destinado a pôr-se em contato com a infância e a adolescência, nas suas mais várias e incoerentes modalidades, tendo de compreender as inquietações da criança e do jovem, para bem os orientar e satisfazer sua vida, deve ser também um contínuo aperfeiçoamento, uma concentração permanente de energias que sirvam de base e assegurem a sua possibilidade, variando sobre si mesmo, chegar a apreender cada fenômeno circunstante, conciliando todos os desacordos aparentes, todas as variações humanas nessa visão total indispensável aos educadores.

É, certamente, uma grande obra chegar a consolidar-se numa personalidade assim. Ser ao mesmo tempo um resultado – como todos somos – da época, do meio, da família, com características próprias, enérgicas, pessoais, e poder ser o que é cada aluno, descer à sua alma, feita de mil complexidades, também, para se poder pôr em contato com ela, e estimular-lhe o poder vital e a capacidade de evolução”.

Cecília Meireles (Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1930.)

Sempre considerei o professor como uma figura de muito respeito. Expresso imensa gratidão a todos os meus mestres, principalmente, os que tiveram a paciência de ensinar-me as primeiras letras (Cartilha do ABC) - minha irmã Ana Orcina Fernandes (irmã Anita); as professoras do primário, Mariêta Vieira, Salete Gualberto e Maria Joaquina Vieira.

No Grupo Escolar Jovelina Gomes, escola que primava pela disciplina e respeito, tendo a enérgica mestra Palmira Lima como diretora do educandário.

Integrei a turma pioneira do Ginásio Professor Afonso Pereira, o primeiro a funcionar em minha terra natal, entre os anos de

1959-1962, tendo Dr. Gentil da Cunha França, juiz de Uiraúna, o idealizador, fundador e diretor.

O Professor Afonso Pereira da Silva – foi o criador e presidente da Fundação Padre Ibiapina, com sede em João Pessoa (PB), e se notabilizou como um dos grandes e cultos incentivadores da criação de educandários na Paraíba.

Estes os mestres desbravadores do ensino ginásial de Uiraúna: Raimundo Barbosa de Oliveira, Antônio Batista da Silva Neto, Antonio Mousinho Fernandes, Raimundo e Teodoro Figueiredo, José Duarte Filho, Francisco Domingos de Galiza, José Orlando Fernandes, Rosena Alves de Oliveira, Maria de Lourdes Pinto Bastos e Ana Sá.

Durante o curso científico, tive bons professores no Colégio Estadual no Bairro da Prata de Campina Grande (PB) - primeiro e segundo anos - e, no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Riograndense, em Natal (RN), o último ano do curso científico.

Aos mestres do Curso de Medicina, os dedicados construtores de minha carreira profissional, minha eterna gratidão.

Cleone Noronha, Getúlio de Oliveira Sales, Jessione de Carvalho Lima, Genivaldo Barros, José Gilberto Pinheiro Wanderley, Ivanildo Galhardo, Joaquim Alves da Fonseca, Sidney Gurgel, Jairo dos Santos Leite, Ovidio Fernandes de Oliveira, Geraldo Emanuel de Medeiros Furtado, Olavo Silva de Medeiros, Iron Idalino, Maria Gíselda Trigueiros, Terezinha Mendes Cunha, Lívia Carvalho Galvão, Ney Marques Fonseca, Clovis Travassos Sarinho, Carlos Ernani Rosado Soares, Airton Dantas Wanderley, Jurandy Macedo de Carvalho, Antonio Filgueira de Oliveira, Gley Nogueira Fernandes Gurjão, Leide Moraes, Leônidas da Silva, Albanita Leite Soares de Macedo, Renart Leite de Carvalho, Murilo Celeste Barros, Severino Lopes da Silva.

Realizei a pós-graduação no Hospital Emílio Ribas em São Paulo (SP), onde fui acolhido com fidalguia, integrando a segunda turma na Residência de Doenças Infecciosas e Parasitárias.

Esse hospital era referência da especialidade no Brasil. Vários foram os expoentes da especialidade que participavam diariamente das atividades do programa científico, visitas hospitalares, reuniões clínicas, anatomopatológicas, seminários e cursos.

[Retorna ao Sumário](#)

Devo aos professores titulares Jair Xavier Guimarães e Ivan de Oliveira Castro o meu ingresso na carreira do magistério do Ensino Superior; e a confiança em mim depositada para integrar o corpo docente da Faculdade de Medicina de Sorocaba (SP) e Faculdade de Medicina de Taubaté (SP), como Auxiliar de Ensino e Professor Assistente, respectivamente.

CAPÍTULO III

CRÔNICAS SOBRE OS AMIGOS

Aos meus Amigos:

“Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles. A amizade é um sentimento mais nobre do que o amor, eis que permite que o objeto dela se divida em outros afetos, enquanto o amor tem intrínseco ciúme que não admite rivalidade. E eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos! Até mesmo aqueles que não percebem o quanto são meus amigos e quanto a minha vida depende de suas existências...

A alguns deles não procuro, basta-me saber que eles existem. Esta mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida. Mas, porque não os procuro com assiduidade, não posso lhes dizer o quanto gosto deles. Eles não iriam acreditar!

Muitos deles estão lendo esta crônica e não sabem que estão incluídos na sagrada relação de meus amigos. Mas é delicioso que eu saiba e sinta que os adoro, embora não declare isso e não os procure.

Às vezes, quando os procuro noto que eles não têm noção de como me são necessários de como são indispensáveis ao meu equilíbrio vital, e porque eles fazem parte do mundo que eu tremulamente construí e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida”.

(Vinicius de Moraes)

“Meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade. Escolho-os não pela pele, mas pela pupila, que tem um brilho questionador e tonalidade inquietante.

Escolho meus amigos pela cara lavada e pela alma exposta. Não quero só o ombro e o colo, quero também sua maior alegria. Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto.

Meus amigos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. Não quero risos previsíveis, nem choros piedosos. Quero amigos sérios, daqueles que fazem da realidade sua fonte de aprendizagem, mas lutam para que a fantasia não desapareça.

Não quero amigos adultos, nem chatos. Quero-os metade infância e a outra metade velhice. Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto, e, velhos, para que nunca tenham pressa.

Tenho amigos para saber quem eu sou, pois, vendo-os loucos e santos, bobos e sérios, crianças e velhos, nunca me esquecerei de que a normalidade é uma ilusão imbecil e séria”.

(Fernando Pessoa)

Com os amigos dividimos nossos sonhos, traçamos os nossos planos e comentamos nossas confidências amorosas. Estar com eles muitas vezes nos finais de semana, feriados e férias faz com que desfrutemos de momentos de descontração e alegria.

Alguns são nossos companheiros por uma jornada, ou até durante toda a vida; outros um curto espaço de tempo, o suficiente para tê-los como exemplo na construção da felicidade e superação dos desafios.

Enumero os amigos que foram importantes e ficaram guardados na memória em todos os momentos de minha vida, da infância à adolescência nas fases estudantis de base - alfabetização, primário, ginásial, científico, ensino superior e pós-graduação.

Na infância - Hélio Elói de Galiza (meu vizinho), Expedito Fernandes Pinheiro, Idon Bastos, Euclides Nunes Fernandes, José Euclides Nunes Fernandes, Ramalho Vieira e Miguel Matos Cascudo.

[Retorna ao Sumário](#)

Época do ginásio - João Eudes Claudino de Galiza e José Hermínio Neto; José Milton Fernandes Duarte, Euclides Nunes Fernandes (Netinho), José Euclides Nunes Fernandes (Dedé), Maria José Nunes Fernandes e Maria da Salette Nogueira.

Do tempo do curso científico - Aureliano Ramalho Cavalcanti Filho, José Luiz e José Araújo Lima.

Durante o curso médico - Ailton José de Oliveira, Manoel Martins Lopes, Aldacir Roberto Lopes Pereira, Cipriano Correia, Humberto Vicente de Araújo, José Eriberto da Rocha, Pedro de Brito Braga, Ronaldo Roberto Delgado, Getúlio Pereira de Araújo, Ivan Cavalcanti Montenegro, Salatiel Silva, Luiz Edésio Macário Nunes, Nelson Bezerra de Sousa e Caio César Wanderley Salem.

Na fase da pós-graduação - Marione Cortez Pessoa, Aloisio Bemvindo de Paula, André Villela Lomar, Roberto Márcio da Costa Florim, Chae Feldmann, Benedito Bruno de Oliveira, Antônio Marmo Miziara, Celso Almeida e Jefferson Vaz Bechara.

Regressando à Paraíba, construí durante a vida profissional e do magistério amizades sólidas e agradáveis, que se prolongam na atribulada caminhada diária - José Tarcizio Fernandes e Mércia Tavares Fernandes, Humberto Vicente de Araújo e Walkiria Toledo de Araújo, Ricardo Antônio Rosado Maia e Eleonora Maia, Leonardo Gadelha de Oliveira e Vanda Rodrigues Oliveira, Manoel Jaime Xavier Filho e Iracema de Senna Xavier, José Avelino de Paiva e Discíola Paiva, Aécio Pola Fernandes, Weber e Isabel Toscano, Luíz e Marluce Vasconcelos e Marília Maia.

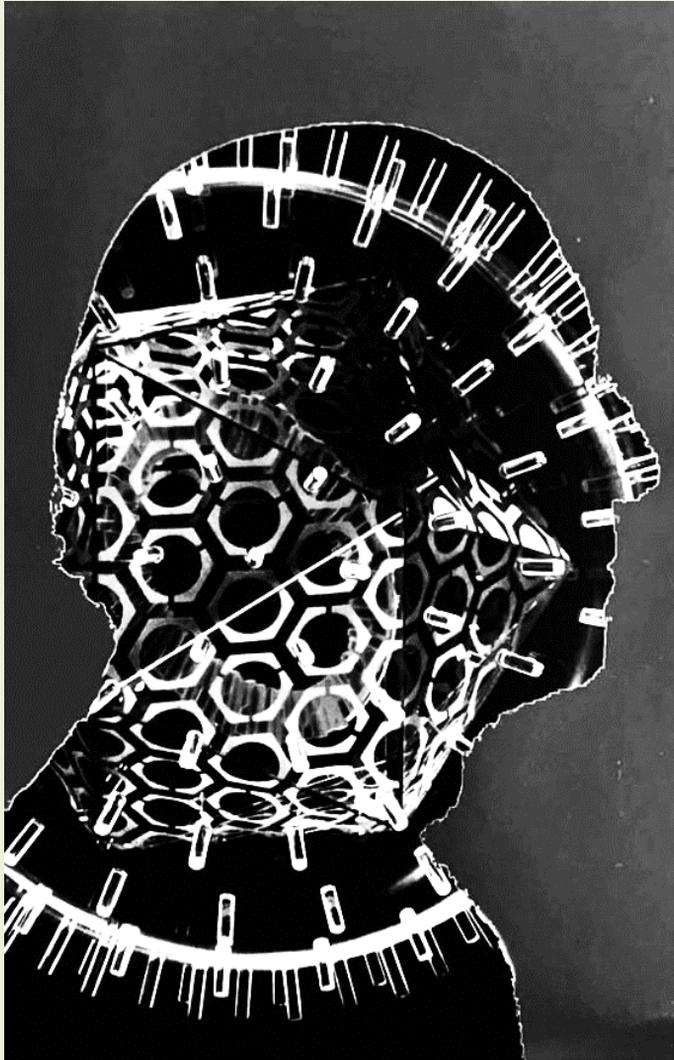
Em sua bela composição e linda música - A Lista - Osvaldo Montenegro poeticamente canta: “Faça uma lista de grandes amigos quem você viu há dez anos atrás, quantos você ainda vê todo dia, quantos você jogou para trás, quantos você já não encontra mais”.

Com a utilização das redes sociais, facebook, WhatsApp é possível ampliar o círculo de amigos através do contato virtual. Essas ferramentas aproximam pelo compartilhamento pessoas queridas que vivem entre si distantes.

Na grande epidemia do Século XXI, provocada pelo COVID-19, os meios de comunicação desempenharam papel fundamental para atenuar a ausência e a angústia causadas pelo isolamento e distanciamento dos nossos familiares e amigos.

[Retorna ao Sumário](#)

CAPÍTULO IV UMA VIDA LONGA – SUAS ETAPAS



[Retorna ao Sumário](#)

1 9 4 6

Os apontamentos deste livro começaram a criar raízes após meu retorno à Paraíba no ano de 1976, quando despertei para a importância de deixar o registro da longa caminhada de uma vida saudável e de muito equilíbrio, quase toda ela repassada de grandes dificuldades e desafios enfrentados com coragem e determinação de vencer.

O ano de 2021 me chegou como marco bem significativo porque nele senti a imensa felicidade de completar 75 anos de vida, cinquenta dos quais no exercício profissional pleno da profissão de médico e 35 de magistério, já no gozo da aposentadoria.

Falar de minha trajetória de vida, da importância da família, mestres e amigos, que me injetaram forças espirituais indispensáveis à concretização dos sonhos fervorosamente acalentados, é forma de LHEs mostrar minha mais profunda e sentida gratidão por tudo que deles recebi. Foram momentos de muitas e diversas emoções, impregnadas de instantes de alegria, de sofrimento e superação. Em cada um de nós, há limites de tolerância que medem a capacidade de convivência em situações desafiadoras. E, para isso, Deus se colocou diante de mim como o grande suporte da minha existência.

Sinto-me plenamente realizado na escolha de duas das mais dignas e universais profissões - a medicina e o magistério - cada uma lidando com a vida e o saber, como dois dos valores maiores do ser humano, a que se somou a alegria sublime da construção de uma família maravilhosa.

Não foi fácil a caminhada.

Tive de enfrentar obstáculos os mais diversos.

Por vezes, vi-me possuído da vontade negativa de deserção da luta. Mas encarava altivo o desafio e prosseguia.

A infância conviveu com a dor do trauma indescritível da morte precoce de minha mãe. Antes de completar oito anos de idade, vi a cena chocante que me acompanhou toda a vida. Foram instantes de angústia de intensa aflição para mim.

Era madrugada do dia 19 de abril de 1954. A escuridão e o silêncio, de repente, irromperam da luz vacilante de um lampião e a

[Retorna ao Sumário](#)

voz trêmula da irmã mais velha, Maria Cândida Fernandes. Em gestos de desespero, movimentando as franjas da rede, onde eu dormia, exclamou: - Acorde Orniudo que mamãe está passando mal, está morrendo! Ela estava grávida do décimo quarto filho. Soube depois que, portadora de grave doença cardíaca, adveio-lhe um quadro de edema agudo de pulmão.

Foram momentos de angústia e aflição inenarráveis. A vida interage com a morte.

Para mim, o segundo domingo de maio, “Dia das Mães” foi sempre marcante pela ausência da minha querida genitora.

O poeta Augusto dos Anjos, eleito o paraibano do Século XX, expressa em um dos seus poemas “Vozes da morte” - a angústia de todos nós que não estamos preparados para morrer, e muito menos ver morrer os entes mais próximos e queridos, embora sabendo como inevitável a certeza da morte. Mas a realidade para uma criança é diferente, que não alcança o mistério da finitude.

Eis o poema “Vozes da morte”

*“Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!”*

*Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultra fatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!*

*Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,*

*Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nós amamos,
Depois da morte, ainda teremos filhos.”*

CAPÍTULO V

UIRAÚNA, MINHA CIDADE BERÇO

Uiraúna pós-emancipação – PRAÇA PRINCIPAL

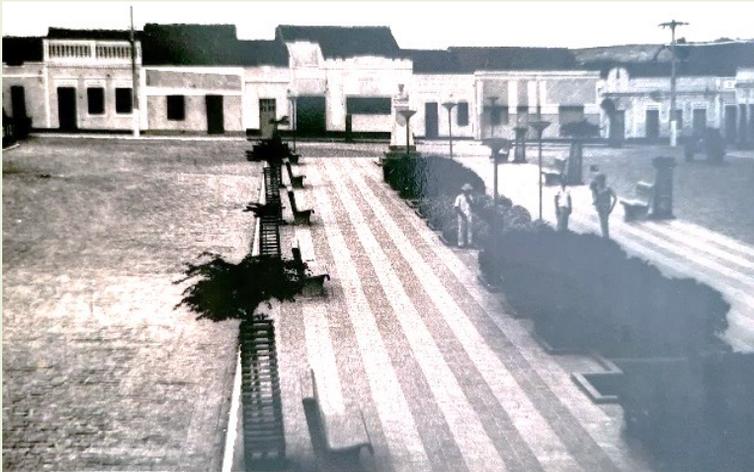


Foto da primeira casa à esquerda, onde nasci

A casa onde morei – na foto, a primeira da esquerda - situava-se na rua principal, geminada, como todas as construções da época, sem oitão livre de ambos os lados; na frente, apenas dois janelões e uma porta alta de madeira e um degrau dando acesso a entrada. O piso do imóvel era todo de cimento queimado.

Logo na entrada, o primeiro e amplo ambiente era a sala de visitas, com móvel contendo um vaso de flores, cadeiras comuns e duas de balanço, um cabide para chapéus, uma vitrola RCA VICTOR, à manivela, discos de vinil de “78” rpm sobre uma mesa; outros numa estante ao lado. Anos após, modernizou-se a sala com aquisição do rádio. Em destaque, nas paredes, um grande retrato dos meus pais e um quadro com imagens do Coração de Jesus e Nossa

[Retorna ao Sumário](#)

Senhora. Um corredor separava os quartos, somente o dos meus pais tinha cama de casal e um guarda-roupa; nos demais, malas e armadores de redes.

Noutra sala, havia uma cristaleira, onde se guardavam louças e copos; e uma geladeira marca GE, à querosene (Jacaré). Em seguida, a copa, com grande mesa de madeira, para as refeições; ao lado, próximo da parede um filtro e uma prateleira.

Na cozinha, um fogão à lenha anos depois substituído por um de carvão, vários utensílios (de alumínio e outros de barro cozido), um grande pote para água, pilão, moinho, pequena estante para peças domésticas e uma mesa de madeira. Junto à cozinha, o quarto de empregada, com pequeno guarda-roupa, rede e banheiro.

Por último, um vão dava para uma escada, ligando a casa à área ampla livre nos fundos da casa, onde havia à direita, chiqueiro, galinheiro e banheiro. À esquerda, um depósito. Finalmente, uma porta, para acesso ao pomar com árvores frutíferas, flores e ao armazém.

A infância e adolescência do médico de hoje se passaram em clima de total liberdade, correndo ou andando, como toda criança do interior, pelas ruas e calçadas largas da cidade, a maioria das vezes descalço, pisando em terra firme e nua, sem calçamento, menos ainda de asfalto enegrecendo as vias do vilarejo e aumentando a temperatura.

“Tudo era simples, fácil, comum, e, paradoxalmente, cheio de magia, por ser um tempo em que fadas e duendes conviviam com a gente, participavam dos nossos sonhos, alimentavam as nossas esperanças e atendiam nossos desejos sem perceber que o faziam”, no dizer de Maria das Graças Santiago, da Academia Paraibana de Letras (APL).

Não havia distinção entre crianças pobres e ricas, pretas e brancas, todas brincavam juntas, sem maldade e malícia. Brinquei de cavalo de pau; de carrinho feitos de lata de sardinha vazia, cheio de tijolo arrastado por um fio de algodão ou um barbante; de bala-deira (estilingue); de patinete, construído com uma tábua presa nas extremidades a duas roldanas.

Participava de campeonato de futebol (a conhecida pelada), com bolas “fabricadas” com meias velhas de algodão, ou brincava com bolas de gude. Competia nos campeonatos para soltar e aparar pião na palma das mãos. Jogava dominó e firol.

Criatividade não faltava. Para se comunicar com colegas de casas vizinhas, improvisávamos o “telefone” utilizando duas caixas de fósforo vazias, amarradas em cada a ponta por um fio de algodão ou barbante ao alcance do amigo distante.

Gostava de ler obras literárias, de Francisco Pereira da Nóbrega, Monteiro Lobato, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Humberto de Campos, José de Alencar, Jorge Amado, Josué de Castro, Umberto Eco, Saint Exupéry, além de gibis, revistas e Almanaque Capivarol.

Lembro-me de um presente que recebi de papai que muito me alegrou, um velocípede – pequeno brinquedo de três rodas, guidom impulsionado por pedais, que moviam a roda dianteira e duas traseiras.

Antes de ingressar no ginásio, fui contemplado com uma bicicleta, Monark 1958 Copa do Mundo. O Brasil havia conquistado pela primeira vez, o Campeonato Mundial de Futebol.

Sempre que podia, frequentava o cinema local, Cine São Francisco, único do lugarejo, que funcionava no prédio do Salão Paroquial Monsenhor Constantino Vieira. Por vezes, sem dinheiro para assistir às películas, pedia ao proprietário Ariosvaldo Fernandes para levar a tabuleta com divulgação do filme e expô-la no mercado público, local de maior movimento durante o dia. Como retribuição pelo trabalho, recebia um ingresso.

Gostava muito das comédias com Charles Chaplin, o Gordo e o Magro, Oscarito e Grande Otelo, Zé Trindade, Branca de Neve e os Sete Anões, filmes de Tarzan - o Rei das Selvas, Zorro – O Cavaleiro Mascarado, Romeu e Julieta, a Paixão de Cristo, Ben-Hur, Dançando na Chuva, Cidadão Kane, E o Vento Levou, de faroeste e outros. Artistas como Robert Taylor, Burt Lancaster, Marlon Brando, Tom Mix, marcaram a vida dos jovens da época. E a aparição na tela das belas atrizes Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Gina Lollobrigida, Marilyn Monroe, Kim Novak, arrancavam suspiros e deixavam saudades.

O cinema servia também de palco para apresentações de peças teatrais e de cantores famosos. Assistia a apresentação de Luiz Gonzaga.

Outra diversão que adorava era o circo, mas raramente, aportava na vila. E acompanhava o palhaço de pernas de pau, que saía pelas ruas da Vila, anunciando o espetáculo.

Para quebrar a monotonia existia um serviço de autofalante (difusora) instalado em pontos estratégicos - rua principal, rua Nova, rua do Comércio - com uma programação variada - informativo oficial do município, notícias diversas da Paraíba, do Brasil e do mundo, seleção musical de cantores nacionais como Cartola, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Alcides Gerardi, Anísio Silva, Jair Rodrigues, Gilberto Gil, Milton Nascimento Martinho da Vila, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Teixeira, Dalva de Oliveira, Elisete Cardoso, Ângela Maria, Núbia Lafaiete, Maysa, Dolores Duran, Elza Soares, Elis Regina, Ivan Lins, Edu Lobo, Roberto Carlos, Tim Maia. E cantores internacionais como Elvis Presley, Frank Sinatra, Nat King Cole, Ray Charles. Grupos musicais: Glenn Miller e Ray Coniff.

Nas festas tradicionais, da Padroeira Sagrada Família, Jesus Maria e José e do Sagrado Coração de Jesus, costumava acompanhar a banda de música tocando pelas ruas da cidade até a Igreja Matriz.

Frequentava também, com meu pai, familiares e amigos, as noites de quermesses e brincava no parque de diversões. Deliciava os sabores dos pirulitos, picolés e chicletes Adams que ficavam à venda nas barracas em redor do Pavilhão dos Leilões.



Festa da padroeira da cidade.

Quermesse da festa.



Algumas vezes, me alegrava ver o carro de boi passar pelas ruas da Vila com seu rangido estridente. O carro de boi é um dos mais primitivos meios de transporte, artesanal, ainda em uso nos meios rurais para transporte de carga.

Construído sobre duas grandes rodas de madeira, uma grade e o cocão como ponto de apoio da grade sobre o eixo composto de duas peças de madeira. A canga é outro componente, atrelada ao pescoço do animal e ligada à grade para ser tracionada pelo boi. O carro de boi também servia ao transporte de pessoas na zona rural e da zona rural para a cidade, sobretudo, no dia de feira, geralmente aos sábados. E ao escoamento da produção rural para as cidades e vilarejos, bem como para trazer mercadorias compradas na

[Retorna ao Sumário](#)

cidade e destinadas ao abastecimento dos moradores das propriedades.

Era, contudo, a carroça o meio de transporte mais utilizado na época, tanto na zona rural como nas pequenas cidades.

O povoado era pequeno, tinha poucas ruas, pouco movimento de carros. Lembro-me dos jipes de Zeu Fernandes, Olinto Pينهيرو, Zezinho Anacleto, Agapito Barros; dos caminhões de Anchieta Pinto, Camal, Amâncio, José Caboclo e do misto de Zé Daniel.

A iluminação da Vila era alimentada pela energia gerada no motor a óleo diesel, que funcionava das 18 horas às 22 horas. Era momento de muita alegria e comemoração dentro das casas e nas ruas. Após esse horário, rompiam a escuridão a fumacenta lamparina, o candeeiro a querosene ou luz de velas. Não existia televisão, nem telefone nas casas.

A comunicação para outras localidades do Brasil ou do exterior, era pelo único telefone, movido a pilhas, da Agência dos Correios e Telégrafos que funcionava conjugada à casa dos meus pais.

Tínhamos como vizinho, o casal Adriano-Albaniza Andrade, responsável pela repartição.

Poucas residências tinham rádios, por isso, era comum reunião de vários vizinhos ou moradores outros do lugarejo para ouvir notícias, transmissão das novelas e programas musicais, a partir das janelas e portas das residências que tinham o aparelho.

Acontecimento bem vivo na retina da memória, foi quando assistíamos às aulas na escola primária da professora Mariêta Vieira no dia dois de dezembro de 1953. Fomos surpreendidos com o barulho estranho de pequeno avião - "teco-teco", como se chamava naquela época - em voo baixo sobre as casas do então distrito de Uiraúna, pertencente ao município de Antenor Navarro (PB), hoje São João do Rio do Peixe. No avião, além do piloto, vinha o Dr. Osvaldo Bezerra Cascudo, destacado médico e chefe político local que batalhou, durante 15 anos pela emancipação da cidade.

O líder político saiu de João Pessoa na aeronave - a primeira vez que vi um avião - e lançou sobre Uiraúna milhares de folhetos, informando sobre a sua emancipação política, a torná-lo o mais novo município da Paraíba.

As aulas foram suspensas para ensejar as comemorações nas ruas da cidade. Com a emancipação da cidade, logo, presenciei a construção da primeira praça que homenageou o fundador da localidade - Praça Padre José de França – e de outros prédios públicos, como Prefeitura Municipal, Posto Médico e os primeiros calçamentos de paralelepípedos das ruas principais.

CAPÍTULO VI

VIDA ESTUDANTIL

(PRIMÁRIO, EXAME DE ADMISSÃO, CURSOS GINASIAL E CIENTÍFICO)

Primário e Exame de Admissão

Aprendi as primeiras letras na cartilha do ABC, tendo como professora, em minha casa, tendo como professora, a minha irmã Ana Orcina Fernandes.



Primeira Professora – Ana Orcina

[Retorna ao Sumário](#)

Recebi aulas particulares do curso preliminar das professoras, Maria Joaquina Vieira e Salete Gualberto, ministradas em suas próprias residências; e na escola de Marieta Vieira, no Bairro do Cristo Redentor.

Depois dessa fase, frequentei somente educandários públicos, iniciando no Grupo Escolar Jovelina Gomes, localizado no bairro São José, em minha terra natal.



Recordação do Grupo Escolar

Em 1957, fiquei interno no Seminário Nossa Senhora da Assunção, na cidade de Cajazeiras (PB) cumprindo decisão doméstica de seguir a carreira sacerdotal, como nascido em berço de família tradicionalmente católica, com vários padres na Diocese cajazeirense.

No ano seguinte, não continuei os estudos porque fui trabalhar no estabelecimento comercial de meu pai, com meu irmão José Orlando Fernandes.

FASES DA VIDA
Ginasial – Científico



Rua do Comércio. – Hoje, Rua Francisco Euclides Fernandes

Curso ginásial

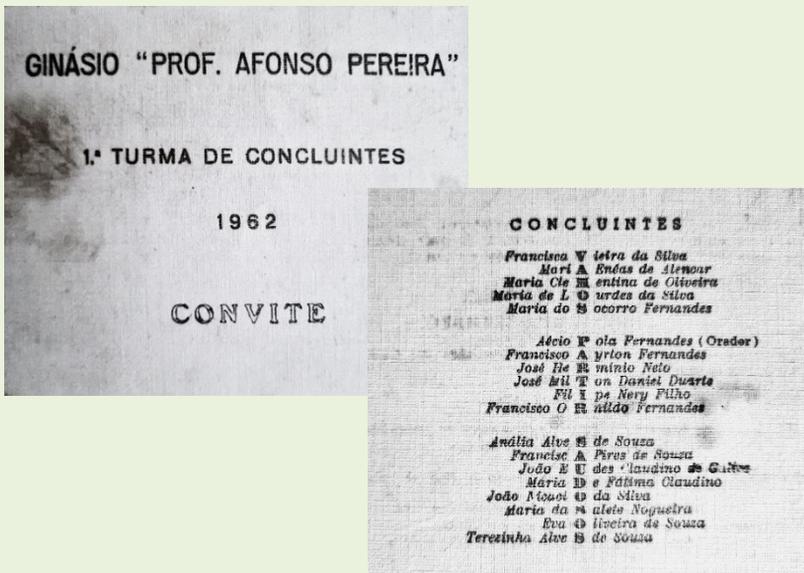
1959 - 1962

Aprovado nas provas de admissão ao ginásio, tive a alegria de participar da *turma pioneira do Ginásio Professor Afonso Pereira, em Uiraúna.*



Turma Pioneira - professores e alunos.

[Retorna ao Sumário](#)



Dr. Gentil da Cunha França, primeiro juiz da Comarca de Uiraúna, foi o idealizador e primeiro diretor do novo estabelecimento de ensino. O Ginásio Professor Afonso Pereira instalou-se no antigo prédio da Força e Luz, de propriedade do senhor José Daniel (Zé Daniel).

Nessa fase de estudos, nas horas de recreio, gostava muito de jogar ping-pong, participando de disputas do campeonato interno. Zagueiro da equipe de futebol do Campo Grande, criada pelo professor Raimundo Barbosa de Oliveira, ganhamos, de 1X0, o primeiro jogo contra a equipe do Tricolor, com gol de minha autoria.



Time do Campo Grande - em pé, da esquerda para direita: José Nêumanne Pinto, Francisco Nogueira, Misso, Saul Vieira, Antonio Cleides Daniel, José Edésio, Ramalho Vieira; agachados. Seguindo para a direita: Idon Bastos, Francisco Orniudo Fernandes, João Bosco Olinto, José Ciro e Manuel Olinto.

Passava as férias com os tios, monsenhor Oriel Fernandes e Maria Inês, em Pombal (PB). E viajava como coroinha acompanhando o tio Oriel em suas celebrações religiosas nas capelas de Paulista, São Domingos e São Bento. Era assíduo nas sessões do único cinema local – Cine Luz, localizado na Rua Jerônimo Rosado, de propriedade do Sr. Afonso Coelho Mouta.

Curso científico

1963- 1964

Concluído o curso ginásial, segui para Campina Grande (PB), com objetivo de concorrer à seleção de ingresso no curso científico do Colégio Estadual da Prata, onde fiz o primeiro e o segundo anos, em 1963 e 1964.

Quando completei dezesseis anos, minha experiência de vida, longe da família, não foi muito edificante.

Fiquei numa pousada que acolhia hóspedes, na maioria, caminhoneiros e viajantes do interior do Estado, exibindo uma placa com nome apelativo de fundo religioso: Pensão Familiar Nossa Senhora de Fátima.

Era uma hospedaria situada na esquina da Rua Índios Cariris, nº 78, com a Luís Soares, próxima à Rua João Pessoa, principal centro comercial campinense, durante toda a noite, simplesmente uma pensão de acolhimento de motoristas.

Não sei o que motivou meu pai a fazer essa escolha: razões econômicas, ou facilidade de encontrar nela pessoas conhecidas do sertão, ou o nome de santa que ostentava para induzir respeito e ambiente sadio e familiar. Para completar, a rua vizinha ao pensonato tinha uma oficina exclusiva para conserto de buzinas, funcionando das 8 às 18 horas, em estridente e contínuo barulho.

Foi um período de tormento para mim. O estudante e adolescente, ávido de sonhos a concretizar, não dispunha do ambiente necessário e propício para estudar e preparar os deveres escolares.

Felizmente, poucos meses depois, consegui por intermédio de um conterrâneo, Edvaldo Vieira, vaga na Casa do “Estudante Félix Araújo”, localizada na Rua Carlos Chagas, s/n, Bairro São José, vizinha ao Hospital Alcides Carneiro e de frente para o SESI, onde permaneci até ao término do segundo ano científico.



Frontal da Casa do Estudante “Félix do Araújo”

Diariamente, saía caminhando ou raramente de ônibus, da Casa do Estudante para o colégio, no bairro do Prata. Quando chovia, esperava que ela passasse sob o coreto da Praça da Bandeira, no bairro São José. Nunca cheguei atrasado e era muito difícil uma carona.

Os finais de semana na Casa do Estudante eram animados com a promoção de festas - os chamados “assustados” – de que participavam habitantes e estudantes do bairro e convidados.

Durante o período que morei na Casa exerci a função de diretor de disciplina por indicação do interventor, sargento Paulo Lobo Pinto Saraiva.

Nessa fase estudantil, fui designado pelo presidente do Centro Estudantil Campinense para atuar como fiscal nos cinemas Capitólio, Babilônia, Avenida e São José. Por esse trabalho tinha como recompensa, o direito ao “passe livre” nos coletivos da cidade, acesso às atividades culturais como por exemplo, teatro, cinema, circos, jogos de futebol e programas de auditório.

Assisti com emoção à inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral.

Participei do concurso para locutor da Rádio Borborema. Dentre os fatos relevantes que tive oportunidade de noticiar, o principal foi o assassinato do presidente John Kennedy, em Dallas, nos Estados Unidos.

Na comemoração do Centenário de Campina Grande, participei do desfile escolar.

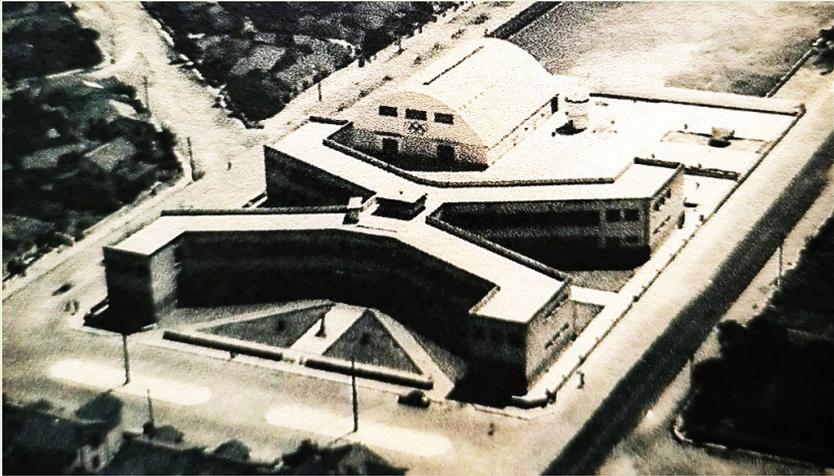


Centenário de Campina Grande – desfile escolar

1965-1971

No início de 1965, transferi-me para o Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense, em Natal (RN), por motivos pessoais, onde conclui o curso científico.

Não frequentei cursinho pré-vestibular, porque, pagos e caros, minha condição financeira não me permitia.



Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense

Em Natal (RN), residi num alojamento do Colégio Sete de Setembro, cujo diretor, Dr. Oscar Nogueira Fernandes, me acolheu atendendo ao pedido de um amigo, Antônio Marinho da Rocha – Toinha, esposo de Edith, ambos foram extraordinariamente importantes nos momentos difíceis que vivi em Natal. E tive, como colegas de alojamento, Aureliano Ramalho Cavalcanti Filho (Lelinho), José Dantas, Geraldo Furtado e Pinheiro.

Um fato ainda bem vivo na memória, foi a inauguração da praça com o busto de John Kennedy, como homenagem a esse presidente dos Estados Unidos assassinado em 1963, em Dallas, Estado do Texas. A solenidade realizou-se dia 1º de maio de 1965, em Natal,

[Retorna ao Sumário](#)

presentes o seu irmão, Senador Robert (Bob), com a esposa Ethel Kennedy, o governador Aluísio Alves e outras autoridades.

O senador Robert Kennedy, visivelmente comovido, descerrou o pano que cobria o busto de seu irmão, bela escultura talhada pelas mãos da francesa Clodi Dunin, da famosa Escola de Belas Artes em Paris; e furtado após três anos de sua inauguração. Hoje, substituído pela obra do escultor Eri Medeiros, autodidata do interior do Estado, em fevereiro de 2003. E, por ironia da vida, o senador Robert Kennedy teve o mesmo destino do irmão - também assassinado em pleno “hall” central do Hotel Ambassador, em Los Angeles, no dia 5 de junho de 1968, durante sua campanha para presidente dos Estados Unidos

CAPÍTULO VII GRADUAÇÃO

Graduação 1966-1971

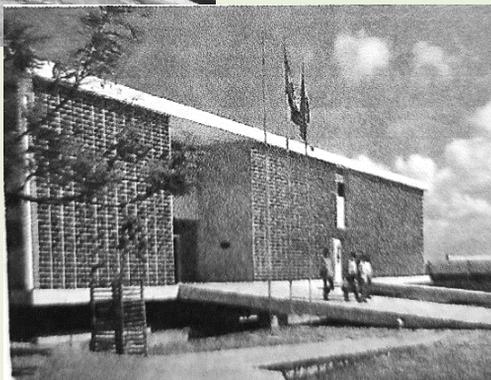
Em 1966, concorri ao vestibular dos cursos de medicina e odontologia, logrando aprovação em ambos os concursos e empalmando o primeiro lugar entre os aprovados para odontologia.



Inscrição do Vestibular



Faculdade de Medicina
da UFRN



Faculdade de Odontologia
da UFRN

Como estudante universitário, superei dois sérios obstáculos:

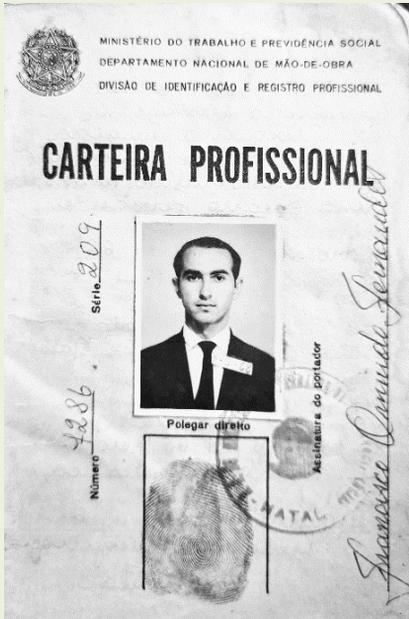
- No início do curso, irremediável crise financeira abateu-se sobre o comércio de meu pai, impossibilitando-o de pagar as minhas despesas, passando, a partir dela, a receber apoio do meu tio, monsenhor Oriel Antônio Fernandes;
- Faltavam dois anos para o término da Faculdade de Medicina de Natal (RN), quando me vi envolvido num inquérito policial militar do Restaurante Universitário.

Exercia a presidência do Diretório Acadêmico Januário Cicco, no auge do regime militar. Enfrentei noites de pesadelos até sair absolvido da frágil acusação a que respondia perante a auditoria da 7^a Região Militar em Recife (PE).

Ainda estudante universitário, comecei minha experiência de educador. Inicialmente, no Colégio Atheneu Norte-Riograndense,

[Retorna ao Sumário](#)

ministrando aulas de biologia (18 de março a 31 de dezembro de 1968), recebendo o primeiro salário mensal, em minha vida, de cento e vinte cruzeiros novos, o que amenizou as dificuldades financeiras como forma de complementar minha manutenção nos estudos.



Primeira carteira de trabalho

Primeiro Salário

No ano seguinte, integrei a equipe de professores fundadores do Colégio Winston Churchill, lecionando, no turno da noite, as disciplinas de química e física nos anos de 1969 a 1971, para conciliar com as aulas da Faculdade de Medicina durante manhã e tarde.

Concluído o curso científico e aprovado no vestibular, fui selecionado para residir no Restaurante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com direito à moradia e refeições, reduzindo as despesas de manutenção.

[Retorna ao Sumário](#)



Residência universitária

Quando cheguei ao quarto ano de medicina, o Hospital Evandro Chagas, situado na Rua Cônego Monte, 110, no Bairro Quintas, (atualmente, Hospital Giselda Trigueiro) abriu duas vagas para internato. Nele ingressei com o colega de turma Ailton José de Oliveira, permanecendo de janeiro de 1970 a janeiro de 1971. E despedido pela diretora Dra. Giselda Trigueiro, por discordar da conduta da médica, sua prima e amiga, Dra. Eneida Trigueiro, que exigia a internação de um paciente.

Por intermédio do Dr. Vivaldo Costa, passei a residir e ser plantonista numa clínica psiquiátrica - Clínica de Repouso Santa Maria, dirigida pelo Dr. Agamenon Queiroz Caldas, com sede na Rua Coronel Estevam 1148, no Bairro do Alecrim, entre fevereiro de 1971 a janeiro de 1972, nela permanecendo até o término do curso médico, cuja festa de colação de grau se deu em 1971, no América Futebol Clube.



Festa de colação de grau

A Turma de médicos de 1971 era formada por cinquenta concluintes:

- * Ademilde Lira Marinho
- * Ailton José de Oliveira
- * Aldacyr Roberto Lopes Pereira da Silva
- * Almir de Barros Moreira
- * Ana Maria Coutinho de Lima
- * Armando José China Bezerra
- * Baltazar Garibaldi Marinho
- * Caio César Wanderley Salem
- * Carlos César Formiga Ramos
- * Carlos Pereira de Araújo
- * Cipriano Correia

[Retorna ao Sumário](#)

- *Djacir Dantas Pereira de Macedo
- *Edson Coutinho
- *Elizabete Freire Fernandes
- *Eliseu Teobaldo de Macedo
- *Elza Aires Freitas Liberato
- *Evaldo Alves de Oliveira
- *Fernando Fernandes e Silva
- *Francisco das Chagas Wanderley Rebouças
- *Francisco Orniudo Fernandes
- *Frederico Luiz de Araújo Lima
- *Getúlio Pereira de Araújo
- *Hermano de Paiva Oliveira
- *Humberto Vicente de Araújo
- *Ivan Cavalcante Montenegro
- *Jacilda Cabral do Nascimento
- *Jerian de Carvalho Lima
- *José Delfino da Silva Neto
- *José Eriberto da Rocha
- *José Luciano Gonçalves de Araújo
- *Lázaro de Betânia Barros de Faria
- *Luiz Edésio Macário Nunes
- *Luiz Martini
- *Maria Bernadete Alves de Araújo
- *Maria das Graças Fernandes de Melo
- *Maria de Lourdes Gouvêia de Albuquerque
- *Maria das Neves Silva
- *Maria Inês Wanderley
- *Maria Suzette Barbalho Guerra
- *Marilda de Medeiros Fernandes
- *Manoel Martins Lopes
- *Marliete Marciel da Silva
- *Myrna Maria Chaves de Vasconcelos
- *Natanael de Oliveira Luz Neto
- *Nelson Bezerra de Souza
- *Roberto Luiz Silva Oliveira
- *Ronaldo Roberto Delgado
- *Salatiel da Silva

*Severino Bezerra de Melo Neto

*Veronica Costa Delgado

Eram esses colegas com quem mais mantinha estreita aproximação: Ailton José de Oliveira, Cipriano Correia, Manoel Martins Lopes, José Eriberto Rocha, Aldacyr Roberto, Luiz Edésio Macário, Ronaldo Delgado e Humberto Vicente de Araújo.



Foto da colação de grau – da esquerda para a direita: Irmã Anita, Francisco Euclides, meu genitor, Jefferson, Orniudo, Manoel Martins e seu pai.

Concluído o curso médico em 12 de dezembro de 1971, recebi convite do Dr. Vivaldo Costa para trabalhar na cidade de Cruzeta (RN), aceitando o desafio no compromisso de assumir a missão como primeiro médico do município. Viajei com Dr. Vivaldo para ser

[Retorna ao Sumário](#)

apresentado à população em organizada festa no clube local, presentes o prefeito, autoridades e convidados da sociedade. Nessa noite, declarei publicamente que exerceria a medicina imbuído do dever profissional de servir com amor e responsabilidade aos habitantes do município que com carinho me acolheram.

Regressei a Natal, para providenciar a documentação necessária à tomada de posse no cargo, mas, um imprevisto me indicou outro destino - a colega Marione Cortez Pessoa me convenceu a fazer Residência no Hospital Emílio Ribas (H.E.R.), em São Paulo (SP).

Entre, de imediato, em contato com o conterrâneo Dr. João Nicácio Feitosa da Silva que se comprometeu em me substituir em Cruzeta, antes de comunicar essa decisão ao prestimoso amigo Dr. Vivaldo, solução que encontrei para não o decepcionar.

Vivaldo era e continua sendo um grande líder político da região do Seridó, tendo exercido os cargos de governador, vice-governador e deputado estadual em várias legislaturas no Rio Grande do Norte.

Nas décadas de 60 e 70, desfrutei de toda evolução da época em que nasci, da última metade do século passado até os dias atuais. O desenvolvimento atingiu níveis extraordinários em todas as áreas, principalmente na ciência, tecnologia e nas comunicações, como na conquista espacial o homem chegando à lua.

Na medicina, o avanço foi fantástico - descobertas dos anti-concepcionais, de novos antibióticos de espectro ampliado, de novas vacinas, de cirurgias e transplantes de órgãos (coração, rins, pulmões, fígado, medula, córnea etc.), de cirurgia bariátrica. A cirurgia robótica é um marco tecnológico de procedimento menos invasivo. O transplante de células tronco traz esperanças a pacientes com patologia diversas. O ecocardiograma, endoscopia, tomografia computadorizada e ressonância magnética são meios complementares de diagnóstico precisos de salvar vidas.

A excepcional evolução nas comunicações com o surgimento do rádio, televisão, gravadores, telefones sem fio, internet, celular, computador, trouxe os acontecimentos do mundo para dentro de nossa casa.

Em nenhum momento da vida profissional, como médico ou professor universitário, deixei de honrar o juramento de Hipócrates, a desempenhar a medicina cercada-a de humanismo à dor do paciente e de sua família e me dedicando a ambas as profissões com entrega pessoal em corpo e alma, na gratificante tentativa de fazê-las mais respeitadas e dignas na avaliação da sociedade a quem deve servir.

(Francisco Orniudo Fernandes)

CAPÍTULO VIII

PÓS-GRADUAÇÃO

(EPIDEMIAS: MENINGITE MENINGOCÓCICA – FEBRE TIFOIDE – ENCEFALITE DO VALE DA RIBEIRA)

Pós-graduação

1972 – 1976

Após a solução do impasse da desistência de trabalhar em Cruzeta, nessa mesma semana, tive de pedir dinheiro emprestado ao primo Francisco Nunes (Chico Nunes) em Natal; e ao sr. Gentil Claudino de Galiza em Uiraúna, para comprar as passagens de ônibus para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Embarquei em ônibus da Viação São Geraldo, em 29 de janeiro de 1972, às 8 horas poltrona nº 1. Dia 31 do mesmo mês, para São Paulo, no Expresso Brasileiro Viação S.A. às 4,30 h, ocupando o assento nº 13.

Viajei sem pagar as fotos da solenidade de formatura e da festa no América Futebol Clube, porque não tinha condições financeiras. Nas férias do segundo ano de residência, retornando a Natal, fiz a quitação das dívidas. O proprietário da Casa de Fotos cobrou sem acréscimo de juros, como “presente” pela prova de honestidade.

Desembarcando, segui em táxi até o Hospital Emílio Ribas. Esse hospital é o principal centro de referência no atendimento de Doenças Infecciosas e Parasitárias do país e na América do Sul.

Recebido calorosamente pela Dra. Marione Cortez Pessoa, que me conduziu à diretoria, onde fui acolhido com fidalguia.

[Retorna ao Sumário](#)



Hospital de Isolamento Emílio Ribas (HIER)

Entrevistado pelos professores Dr. Carlos de Oliveira Bastos, diretor geral e seus assessores, Arary da Cruz Tiriba, Carlos Sesso e Paulo Augusto Ayrosa Galvão; e, aprovado na seleção, fui apresentado aos colegas Aloisio Benvindo de Paula e André Vilella Lomar, ficando Integrado à 2ª Turma da Residência Médica, com os colegas Vasco Carvalho Pedroso de Lima, Marinella Dela Negra, Francismar Almeida Oliveira e Luiz Gonzaga Assumpção da Silva.

Vários foram os expoentes da especialidade que participavam diariamente das atividades do programa científico, visitas hospitalares, reuniões clínicas, anatomopatológicas, seminários e cursos.

Vivenciei um período de muito aprendizado, numa experiência fecunda. Outra vez, tive de me defrontar com dificuldades financeiras decorrentes da falta de pagamento do salário durante os três primeiros meses de 1972, aguardando publicação do contrato com o Governo do Estado. Suportei resignado o sacrifício sempre pensando na realização do sonho da pós-graduação. Desempenhei as atividades de residente no período de 25 de março de 1972 à 25 de março de 1975.

Durante esse período, frequentei e conclui em 6 de dezembro 1974, o *I Curso de Especialização para Médicos do Trabalho, promovido pelo Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina*, ministrado no horário noturno, totalizando 400 horas de aulas.

Participei da *I Jornada de Atualização em Doenças Infecciosas* no Hospital Emílio Ribas, entre 4 e 6 de setembro de 1972; do *Curso de Administração Hospitalar e Saúde*, promovido pela Universidade de São Paulo, em 1973, e do *I Encontro Nacional sobre Esquistossomose* realizado de 4 a 6 de junho de 1973.

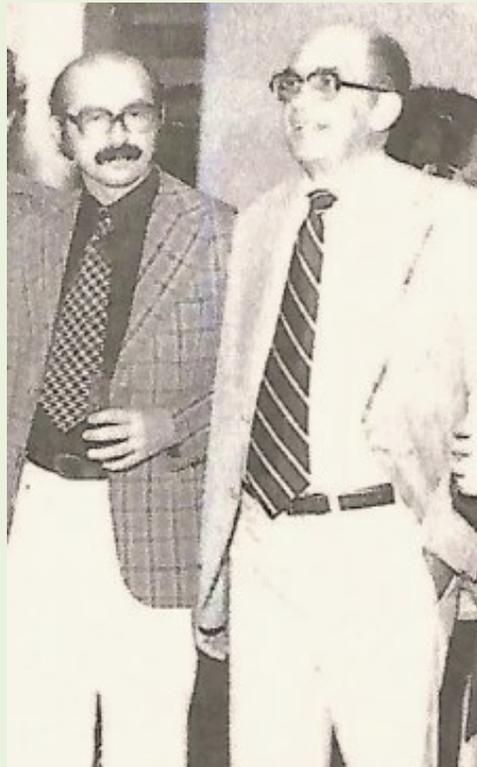


I Jornada de Atualização em Doenças Infecciosas
no Hospital Emílio Ribas

Estaguei em regime de tempo integral, na disciplina de *Pro-pedêutica Médica* do Departamento de Medicina do Serviço de *Pneumologia* do eminente professor Otávio Ribeiro Ratto, de maio a julho de 1974.

Iniciei a atividade de ensino superior, como professor auxiliar na Faculdade de Medicina de Sorocaba, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), a convite do professor titular da cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias, professor Dr. Jair Xavier Guimarães, nela lecionando de 1º de março de 1973 a 28 de fevereiro de 1974. No último ano, vi-me honrado com o convite do professor titular, Dr. Ivan de Oliveira Castro, para ocupar o cargo de professor-assistente da Faculdade de Medicina de Taubaté, na Santa Casa de Misericórdia, firmado o contrato de trabalho em 1º de março de 1974, até 20 abril de 1976.

Convocado pelo pioneiro da infectologia brasileira, professor Ricardo Veronesi, titular da Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), fui designado preceptor dos estagiários no Hospital Emílio Ribas.



Orniudo Fernandes
ao lado do professor
Ricardo Veronesi

Integrei-me à equipe de médicos fundadores da Superintendência do Litoral Paulista, (SUDELPA), entidade coordenada pelo ilustre professor Alípio Correia Neto, cuja meta prioritária consistia no atendimento médico e a assistência integral às principais cidades do Vale do Ribeira, região pobre do Estado de São Paulo, conhecida como “Nordeste” paulistano. O projeto abrangia os municípios de Registro, Eldorado Paulista, Pariquera-Açu, Cananéia, Iguape e Sete Barras, tomando a iniciativa, neste último, de organizar e ministrar o Primeiro Curso Básico para atendentes de enfermagem, do Hospital Santo Antônio.

EPIDEMIAS

Durante a Pós-Graduação, recolhi experiência incomum atuando obstinadamente na grande epidemia de meningite meningocócica que se expandiu por todo o País.

O Hospital de Isolamento Emílio Ribas (HIER) tem início em 1880, para atendimento, isolamento e tratamento dos doentes de varíola, epidemia que tanto inquietou a nação nesse ano. Era o único estabelecimento de São Paulo destinado especificamente ao atendimento e internação de pacientes com doenças transmissíveis agudas, de interesse da saúde pública, a maioria dos casos da capital, da Grande São Paulo e de todo o interior do estado.

Em 25 de junho de 1991, passa o hospital a denominar-se Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIHR) integrando ao seu nome a nova especialidade – Infectologia.

Os arquivos do hospital consignam a presença da doença meningocócica desde as primeiras décadas do século, sob a forma de casos esporádicos ou em caráter endêmico, rotulando como “meningite cérebro espinhal epidêmica”. O agente causal, o meningococo foi descoberto por Weichselbaum, em 1887. Entre os anos de 1945 e 1947 ocorreu uma onda epidêmica regional. Desde a década de 1960, em diversos países da Europa, Ásia, África e nas Américas se registravam surtos epidêmicos.

Em julho de 1971, o número de casos em São Paulo começou a subir significativamente apontando para o estado inicial de onda epidêmica, tornando-se *a maior epidemia da história do Brasil*. O Instituto Adolfo Lutz identificou como agente causal a *Neisseria meningitides* do sorogrupo C com bactéria resistente à sulfa.

No Brasil, a epidemia se restringiu ao Estado de São Paulo, até 1973, estendendo-se posteriormente para o Rio Grande do Sul e demais regiões do país, nos anos de 1971 a 1975, com maior intensidade e interações de casos, elevando número de mortes substancialmente.

No final de abril de 1974, surgiu um fato novo detectado pelo Instituto Adolfo Lutz, o isolamento da *Neisseria meningitides* sorogrupo “A”, configurando-se, a partir de então, uma epidemia mista com dois agentes etiológicos.

O HIER tinha 400 leitos e, no auge da epidemia, havia 1200 pacientes internados, uma verdadeira situação de “guerra”, de calamidade pública, em que pacientes recebiam medicações nas macas, muitas retidas quando o paciente chegava ao hospital, em colchões espalhados no chão dos corredores, nos bancos, sobre birôs, em cadeiras e até em pias preparadas para atendimento de crianças.

Para atender à grande demanda de doentes, aos profissionais da área da saúde faltavam as mínimas condições para necessários cuidados preventivos. Nos primeiros anos da epidemia a turma de residentes era composta de (R1-1971) - Aloisio Bemvindo de Paula, André Vilella Lomar e Marione Cortez Pessoa e (R2 -1972), Vasco Pedroso de Lima, Francisco Orniudo Fernandes, Francismar Almeida de Oliveira, Luiz Gonzaga Assumpção da Silva e Marinella Dela Negra, havendo sobrecargas de plantões e quatro colegas acometidos da doença.

O Governo de São Paulo publicou edital para contratação, em caráter emergencial de médicos, enfermeiros e demais serviços da área de saúde, muitos recusando o trabalho com receio de adoecer. Na época, aulas foram suspensas e eventos cancelados, como os Jogos Pan-Americanos de 1975 que aconteceriam na capital paulista e transferidos para a Cidade do México.



Crianças que receberam alta de meningite

Os pacientes que superaram a fase aguda grave sem apresentar riscos de morte, eram removidos para o Hospital do Mandaguí, que passou a ser hospital de retaguarda. No ano de 1973, implantou-se no Hospital Emílio Ribas o Centro de Terapia Intensiva (CTI), um centro cirúrgico e unidades de eletroencefaloterapia; e os hospitais da rede privada se recusavam a atender e internar pacientes.

Os servidores do hospital ficaram impedidos de solicitar férias, licença prêmio, por decreto governamental.

Durante meses, tentou-se impedir a divulgação de notícias sobre a doença e a gravidade da epidemia, passando o governo a tratar a epidemia paulista como “assunto de segurança nacional”.

No início da epidemia, ocorreu uma difusão muito grande de automedicação pela população, que passou a consumir por conta e riscos próprios, antibióticos e quimioterápicos utilizados para tratamento da doença, em doses insuficientes, o que, seguramente, concorreu para o aparecimento de bactérias resistentes. O aumento de vendas registrado nas farmácias oscilou entre 100 a 200 %. Não havia restrições à venda de antibióticos, nem se exigia receita médica.

Também não existiam vacinas disponíveis no Brasil. Os Estados Unidos, nos anos de 1971 e 1972, dispunham da vacina fabricada em seus laboratórios, mas destinadas unicamente para os soldados que lutavam no Vietnã. A venda não estava liberada. Em novembro de 1973, o Laboratório do Instituto Merrioux, na França, começou a produzir vacinas antimeningocócicas dos sorogrupos A e C. E, somente em 1974, o Brasil assinou acordo com esse Instituto para a importação de 80 milhões de doses, começando a Campanha Nacional de Vacinação contra Meningite, em abril de 1975.

Fui indicado pela Associação Médica Brasileira (AMB) com os colegas Ivan de Oliveira Castro e André Villela Lomar, para subministrar, em simpósio, palestras sobre a doença na Sociedade de Medicina em Pernambuco, em 24 de setembro de 1974, e, na Associação Médica da Paraíba, em 25 de setembro de 1974.

Concomitantemente à epidemia de meningite, nos primeiros dias do mês de março de 1972, eclodiu no bairro de São Paulo denominado de Parque Edu Chaves, e nas regiões adjacentes, um surto explosivo de febre tifoide, exigindo de mim trabalho intenso no atendimento e tratamento dos pacientes.

Durante o período epidêmico da meningite meningocócica, da febre tifoide e da encefalite do litoral Sul de São Paulo, nossa equipe de trabalho elaborou vários estudos científicos apresentados nos congressos relacionados abaixo:

- IX Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical – Fortaleza (CE), 4/7 de 1973:

[Retorna ao Sumário](#)

Resumos de trabalhos publicados e apresentados:

1. Meningococemia – aspectos das complicações levando a mutilações, observadas no HER durante a epidemia de meningite meningocócica em 1971-1972.

MENINGOCOCCEMIA — ASPECTOS DAS COMPLICAÇÕES LEVANDO A MUTILAÇÕES, OBSERVADOS NO H.E.R., DURANTE A EPIDEMIA DE MENINGITE MENINGOCÓCICA EM 1971-72.

* JOSÉ CARLOS LONNGO, FRANCIMAR ALMEIDA DE OLIVEIRA, FRANCISCO ORNIUDO FERNANDES, LUIZ GONZAGA ASSUMPCÃO DA SILVA, ANDRÉ VILLELA LOMAR.

A finalidade é demonstrar aspectos, até então, pouco comuns, surgidos durante epidemia de infecção por meningococo com ou sem meningite.

Comentam-se ocorrências verificadas, levando a processos de gangrena de membros determinante de amputações e necroses externas de tecido cutâneo exigindo cirurgia reparadora.

Procura-se relacionar tais manifestações à virulência, da infecção, maior durante fase epidêmica.

Tenta-se correlacionar os achados com a coagulação intravascular disseminada.

Conclue-se que a assistência à infecção meningocócica, grave, exige investigações mais aprofundadas, com vistas a fisiopatogenia e tratamento da infecção, reparação e fisioterapia.



Equimose e necrose das pernas, joelhos e nádegas



Sufusões hemorrágicas extensas nos membros inferiores

[Retorna ao Sumário](#)

2. Associação de meningite meningocócica e meningite tuberculosa

ASSOCIAÇÃO DE MENINGITE POR DIPLOCOCOS GRAM NEGATIVO E POR MENINGOCOCO COM MENINGITE TUBERCULOSA.

* MARIA LYGIA CALY, JOSÉ DE FELIPPI, JOSÉ CARLOS LONGO, FRANCISCO ORNIUDO FERNANDES, VASCO CARVALHO PEDROSO DE LIMA, MARINELLA DELLA NEGRA.

Tem por objetivo demonstrar que, especialmente durante surto epidêmico de meningite meningocócica, mais do que um agente pode ser responsável pela infecção. Selecionaram-se da casuística do Hospital "Emílio Ribas", durante os anos de 1971 e 1972, ocasião do surto epidêmico, algumas ocorrências mistas, constatadas pelo exame bacteriológico do liquor e por necrópsia

Comentam-se os aspectos clínicos e epidemiológicos.

Advertem-se para o prosseguimento da pesquisa etiológica, sobretudo nos casos de evolução prolongada.

Febre tifoide – Surto epidêmico ocorrido em 1972 no município de São Paulo

FEBRE TIFOIDE — SURTO EPIDÊMICO OCORRIDO EM 1972 NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.

* CARLOS DE OLIVEIRA BASTOS, JOSÉ DE SOUZA MORAES, ARARY DA CRUZ TIRIBA, JOSÉ DA SILVA GUEDES E FRANCISCO ORNIUDO FERNANDES.

É conhecido, de longa data, o estado de morbididade endêmica da febre tifoide na Capital de São Paulo, áreas circunvizinhas e cidades do interior do Estado, morbididade essa com flutuações variáveis e transfigurada ocasionalmente por surtos epidêmicos de maior ou menor expressão.

Nos primeiros dias de março do ano de 1972, irrompeu nesta cidade, no bairro denominado Parque Edú Chaves e zonas

adjacentes, um surto explosivo de febre tifóide de origem hídrica, que foi prontamente reconhecido e denunciado às autoridades competentes da Saúde Pública pelo Hospital "Emílio Ribas" e Departamento Regional de Saúde da Grande São Paulo, ambos órgãos da Secretaria de Estado da Saúde

O êxito obtido, tanto no campo da Medicina Curativa, quanto no da Saúde Pública, foi o reflexo da ação conjunta de uma equipe constituída de médicos clínicos infectologistas, médicos sanitáristas, engenheiros de Saúde Pública, educadores sanitários e enfermeiros de Saúde Pública.

- X Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical – Curitiba (PR). 3 e 6 de fevereiro de 1974.



3. - Conduta terapêutica no tratamento das artrites meningocócicas

CONDUTA TERAPEUTICA NO TRATAMENTO DAS ARTRITES MENINGOCÓCICAS BASEADA EM 50 CASOS INTERNADOS NO 'HOSPITAL EMILIO RIBAS'

ALOISIO BENVINDO DE PAULA, ANDRÉ VILLELA LOMAR, IVAN DE OLIVEIRA CASTRO, FRANCISCO ORNIUDO FERNANDES E JAIR XAVIER GUIMARÃES.

(Hosp. Emílio Ribas, S. Paulo; Escola Paulista de Medicina; Fac. Med. de Taubaté e Fac. Med. Mogi das Cruzes)

Baseados na análise de 50 casos de artrite piogênica em pacientes portadores de infecção meningocócica, os autores pretendem ressaltar a melhor conduta terapêutica adotada para estes pacientes. Faz-se a comparação entre vários tipos de tratamento, optando-se por uma conduta conservadora, utilizando-se apenas drogas antiinflamatórias e antibióticos. Todos os pacientes tratados desta forma evoluíram muito bem, com regressão do derrame articular e sinais inflamatórios. Em nenhum deles foi observado sequela do tipo restrição de movimentos das articulações comprometidas. Ressaltam ainda aspectos clínicos, laboratoriais e principais articulações comprometidas.

O objetivo do trabalho é mostrar a não necessidade de tratamento agressivo, como lavagem e drenagem articular, pois com antibióticoterapia e antiinflamatórios, estes pacientes recuperam-se totalmente sem a possibilidade de contaminação por outras bactérias.

4. Infecção meningocócica e gravidez

INFECÇÃO MENINGOCÓCICA E GRAVIDEZ

FRANCISCO ORNIUDO FERNANDES, MANUEL R. SCHMAL, JOSÉ CARLOS LONGO, JAIR XAVIER GUIMARÃES E ALEXANDER KUTASSY

(Escola Paulista de Medicina e Hospital Emílio Ribas, S. Paulo).

Os Autores analisam 5 casos de gestantes com infecção meningocócica (meningite meningocócica e/ou meningococcemia), internadas no Hospital Emílio Ribas de São Paulo.

Das 5 gestantes, 4 apresentaram abortamento e uma parto prematuro.

Foi realizado estudo da placenta e dos fetos no sentido de se determinar as lesões ocorridas, tendo sido feita a tentativa de isolamento do agente etiológico no material estudado.

Houve apenas um óbito das 5 pacientes observadas. Finalmente, os Autores apresentam uma revisão bibliográfica sobre o assunto.

Em janeiro de 1975, durante minhas férias na Paraíba dei entrevista ao jornal Diário da Tarde abordando o tema meningite.

DIÁRIO DA TARDE

João Pessoa, 2 de janeiro de 1975

(3)

MÉDICO PARAIBANO NA LUTA CONTRA MENINGITE

Os primeiros sinais de um surto iminente de meningite, no Brasil, foram sentidos ainda em 1971. A revelação é do médico Francisco Orniudo Fernandes, paraibano de Uiraúna, formado pela Faculdade de Medicina do Rio Grande do Norte, especialista em clínica médica de moléstias infecciosas e parasitárias, que se encontra em João Pessoa.

Orniudo, hoje, médico do Hospital de Medicina de São Paulo, professor assistente da Faculdade de Medicina de Tanguá e da Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista, disse naquela hora que não foram tomadas medidas profiláticas porque as vacinas A e C, da França e dos Estados Unidos ainda não haviam entrado em produção comercial.

Este ano, as medidas foram tomadas pelo Governo Federal, com a importação de 70 milhões de doses de vacinas. Res saltou que o Governo está interessado no problema, atencioso assim, apelos dos Secretarias de Saúde dos Estados, para campanhas permanentes de esclarecimentos à população. Para a distribuição das vacinas há prioridades para os Estados do Sul, onde a doença incide mais.

Quanto ao panorama em nosso Estado, Orniudo disse que, segundo informação prestada pelo Secretário de Saúde, médico Moscir Dantas, as medidas estão sendo tomadas através de sua secretaria, junto ao Ministério da Saúde.

SINAIS E SINTOMAS

Considerando a meningite uma doença cosmopolita, afirmou que o mal se manifesta em poucas horas, ou em alguns dias, iniciando-se com sintomas tais como: dor de cabeça, vômitos frequentes, febre alta, dor na nuca, algumas vezes com alteração da consciência, podendo, em alguns casos, surgir lesões de pele ou autólises hemorrágicas disseminadas. Os casos mais graves são acompanhados de choque, coagulação intravascular disseminada, alteração da consciência, coma profunda e daí a morte.

Trata-se de uma doença que requer internação obrigatória para seu tratamento. Em relação às medidas profiláticas a mais importante ainda é a vacinação. Entre os quimioterápicos usados na prevenção citou: um derivado da tetraciclina e a rifampicina. Alertou, no entanto, que esses medicamentos devem ser usados somente com prescrição médica devido aos efeitos colaterais. O uso indiscriminado e inadequado desses produtos poderia trazer prejuízos para o paciente por mascarar o quadro inicial da doença.

Na difusão da doença são importantes também as condições de promiscuidade encontradas com maior incidência nas áreas de maiores conglomerações e onde as condições higiênicas são precárias. A destruição ou substituição são também de sua importância para o acometimento da doença.



Orniudo: meningite, uma doença cosmopolita

Surto de Encefalite no litoral sul do Estado de São Paulo

Na primeira quinzena de fevereiro de 1975, comprovou-se que, paralelamente à epidemia de meningite meningocócica nos municípios-sul do Estado de São Paulo, pacientes apresentavam sintomas de nova doença aguda, comprometendo o sistema nervoso central, e, rapidamente assumindo forma epidêmica.

Epidemiológica e clinicamente o quadro apontava para encefalite viral, vinculada à transmissão por mosquitos, ficando patente desde o início a estreita relação da doença aos fatores ecológicos e geográficos locais, procedente à quase totalidade dos casos de três cidades: Peruíbe, Itanhaém e Mongaguá.

Comitiva composta dos Drs. Jorge Wilhelm, secretário de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, Arary da Cruz Tíriba, Roberto Focaccia e Francisco Orniudo Fernandes, embarcaram num helicóptero do Palácio Bandeirantes, com destino ao município de Peruíbe para avaliar o surto e a gravidade da situação.

Durante a epidemia de encefalite, a direção do Hospital Emílio Ribas escolheu-me para atuar no atendimento do Posto de Saúde de Peruíbe, dirigido pelo médico José Leo Cardoso.

Procedimentos mais avançados eram atendidos e realizados em ambulância-hospital estacionada em frente da unidade de saúde. Os casos de maior gravidade eram conduzidos em ambulância para os hospitais Guilherme Álvaro e da Santa Casa de Misericórdia em Santos (SP).

Coleta de líquido de paciente com encefalite em Peruíbe (SP) – médicos Orniudo e Itamar



Com a instalação do “Hospital Só para Encefalite”, no município de Itanhaém, o professor Arary da Cruz Tiriba, responsável pelo controle da epidemia e pelo estabelecimento hospitalar, solicitou ao secretário de saúde do Estado de São Paulo, Dr. Walter Leser, minha indicação e transferência para atuar na equipe de especialistas.

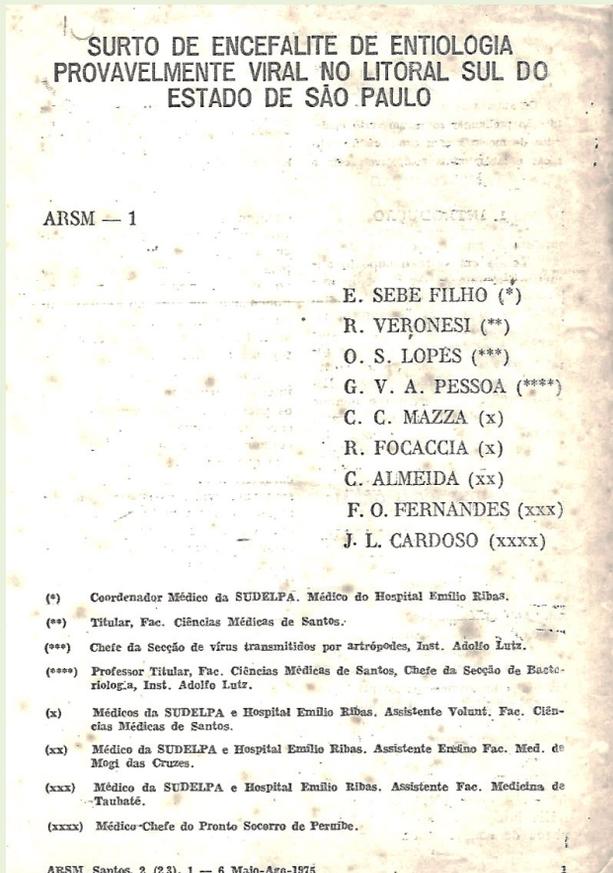


Professor Arary da Cruz Tiriba



Hospital somente para encefalite

O *Aedes scapularis* foi o mosquito transmissor do vírus *Flavivirus rocio*, isolado pela primeira vez, pelo Instituto Adolfo Lutz, em 1976.



Aprovado no concurso para médico do Estado de São Paulo, na especialidade de clínica médica, em março de 1976, não assumi o cargo porque já havia decidido retornar à Paraíba, onde logrei êxito no concurso público do INAMPS, para as especialidades de clínica médica e pediatria.

Abro aqui espaço para prestar justa homenagem aos meus mestres e orientadores na pós-graduação que me acolheram em São Paulo: Paulo Augusto Ayrosa Galvão, Carlos de Oliveira Bastos, Arary da Cruz Tiriba, José Carlos Longo, Tuba Milstein Kuschnaraff, Ivan de Oliveira Castro, Manoel Reinaldo Schmall, Maria Lígia Caly, George Schulte, Carlos Augusto A. Pederneiras, Jair Xavier Guimarães, Kalil Kairala Farah, Ricardo Veronesi; e aos colegas de residência, Aloísio Benvindo de Paula, André Vilela Lomar e Marione Cortez, Vasco Carvalho Pedroso de Lima, Marinella Dela Negra, Francismar Almeida Oliveira e Luiz Gonzaga Assumpção da Silva, expressando a todos, professores e colegas, meu mais profundo reconhecimento pelas lições de humanismo de qualidade de todos recolhidas, em sala de aula e no exercício profissional, construindo em mim o médico que soube honrar até hoje o compromisso solenemente jurado no dia da colação de grau.

Registro a mais entranhada estima aos colegas do corpo clínico - Roberto Márcio C. Florim, Benedito Bruno de Oliveira, Antonio Marmo Miziara, Celso Almeida, Antonio Celso Iervolino, Chaie Feldmann, Reinaldo Abrão Possik, Emílio Sebe e Roberto Focaccia.

E reafirmo que continuarei mantendo, como bússola de conduta profissional e de cidadão, o mais alto respeito à vida humana desde sua sublime concepção; e, até mesmo sob ameaça, jamais usarei o meu conhecimento médico em atos ou procedimentos em conflito com as leis da natureza que tutelam a consciência e o espírito de cada ser da sociedade.



Professor Ayrosa, diretor clínico do HIER

CAPÍTULO IX DE VOLTA À PARAÍBA (ATIVIDADES PROFISSIONAIS E DE MAGISTÉRIO; ATIVIDADES CIENTÍFICO-CULTURAL; ATIVIDADES ASSOCIATIVAS)

De volta à Paraíba (1976)

Tomei a decisão de vir para a Paraíba porque meu pai, idoso e doente, necessitava de apoio médico familiar.

Retornando a João Pessoa (PB), em julho de 1976, onde fixei consultório médico e passei a lecionar na Faculdade de Medicina de Campina Grande, enquanto esperava o ato de nomeação para o emprego do Instituto Nacional de Assistência Médica e Social (INAMPS), conquistado por concurso público.

Ao lado do colega Benedito Bruno de Oliveira, inauguramos no dia 16 de junho de 1979, a Clínica de Medicina Preventiva (CLIMIP), pioneira em vacinações, com sede na Av. Pedro I, no centro da capital paraibana.

Com ingresso no quadro de servidores do INAMPS, como especialista em clínica médica e pediatria, vi-me designado para exercer o cargo de médico plantonista no Pronto Atendimento Médico (PAM), de Jaguaribe, trabalhando no Serviço de Urgência durante anos. Depois, transferido para o Hospital Infantil “Arlinda Marques”, em que exerci a presidência da primeira Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e, finalmente, atuei como perito na sede do INAMPS.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por via de concurso público, iniciei, contratado em 1º outubro de 1976, como professor colaborador do Departamento de Promoção da Saúde, aposentando-me na função de adjunto IV, depois de exercer diversos cargos.

Indicado pelo Dr. Ricardo Antônio Rosado Maia, dirigi o Hospital Guedes Pereira, nos anos 1978/1979. Fui chefe do Serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital Universitário “Lauro Wanderley” (HULW) da UFPB, no período de 20 de maio de 1981 a 29 de dezembro de 1983. Chefe do Departamento da Promoção da Saúde (DPS), entre 17 de maio de 1985 a 17 de abril de 1987, concomitantemente, atuando como assessor da Diretoria Técnica do HULW-UFPB, de 27 de setembro de 1986 a 8 de junho de 1987.

Durante a gestão no Hospital Guedes Pereira, tomei a iniciativa da instalação da Biblioteca Professor “Ephigênio Barbosa da Silva” em 6 de dezembro de 1978, promovendo exitosa campanha entre médicos e laboratórios para doação de livros.



Professor Ephigênio Barbosa no corte simbólico



Inauguração da biblioteca e ato de comemoração
Da esquerda para direita – doutores: Iracema Sena, Benedito Bruno, Helena Germóglío, Orniudo Fernandes, Marco Aurélio, Mororó, Berenice Cabral e Gisélia Rabay

Minha administração adotou o sistema de plantão de 24 horas para médicos, antes, em trabalho de sobreaviso. Com esse sistema, conseguiu-se o feito da redução em mais de 50% das mortes de crianças atacadas de difteria e tétano *neonatorum*. E idealizou e coordenou o I Curso de Relações Humanas e Prevenção de Doenças Transmissíveis, entre 15 e 25 de maio de 1978.

No exercício do cargo de diretor, criou-se, com marca de prioridade, o funcionamento do regime para estagiários do curso de medicina. E, com apoio do superintendente do Hospital Clementino Fraga, Dr. Ricardo A.R. Maia, encaminhou-se solicitação ao prefeito da capital, Dr. Hermano Almeida, para calçamento da área externa

do hospital, atendido o pleito em benefício da comunidade paraibana.

Como docente, integrei várias Bancas de Concursos para Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Paraíba - campus de João Pessoa e de Campina Grande, na disciplina de infectologia e, em São Paulo no Serviço do professor Luiz Fernando Lobo.

E destaco, entre todas as atuações em concursos, uma que mais fundo me tocou a alma - a Banca Examinadora, que compus, para avaliar a monografia de conclusão do Curso de Residência em Cirurgia Buco-Maxilo-Facial, da filha Anna Paula Telino de Abreu Fernandes, no Serviço do Professor Lobo, do Centro Oncológico do Hospital Santa Paula em São Paulo, sob a orientação da conceituada mestra Kelly Cristina Tarquínio Marinho, em 19 de março de 2016, monografia fundada no tema Infecções Odontológicas – Revisão da Literatura.

Expus razões para declinar do convite, manifestando de pronto o entendimento de que existia certo conflito de interesse em face da candidata-filha, mas o professor Lobo não acatou minhas ponderações.

Em estado de incontida emoção, ouvi as palavras finais de elogios dos professores Lobo e Kelly, parabenizando a concluinte Anna Paula (Paulinha).

Esse episódio serviu como magna lição para sentir, como sinto, que ninguém, verdadeiramente criterioso, sabe julgar melhor os filhos do que os próprios pais, a educá-los e assisti-los, diuturnamente, em sua trajetória de vida, voltados para a consciência plena das virtudes e a prática do exercício de todas elas no meio em que coexista.



Defesa da monografia de término de residência da filha Anna Paula

E, ao longo do magistério superior, tive assento reiterado em bancas examinadoras de concursos para seleção de residentes nas áreas de clínica médica, doenças infecciosas e parasitárias, na UFPB e INAMPS.

Subscrevi modesta produção científica e literária em publicações várias - livros, trabalhos científicos, artigos de revistas nacionais e internacionais, capítulos de obras de parceria intelectual, em português e espanhol, participação, como convidado, para conferências em congressos, simpósios, jornadas e palestras, em nível nacional e regional, mesas redondas etc.

Selecionado pelo Programa Companheiro das Américas (Partners), participei do “AIDS Community Prevention Seminar”, re-

alizado nos Estados Unidos, entre 17 a 30 de maio de 1992, patrocinado pela USAID - Brasil com a primeira etapa das atividades científicas cumprida em Washington, de 18 a 22 de maio do mesmo ano.



Seminário de prevenção da AIDS em Washington,
em reunião preparatória

A segunda parte, deu-se no Estado de Connecticut. Nessa fase, tive a honra de ficar hospedado na residência do casal Lena Smith e David Carter, reitor da Easter Connecticut State University, na cidade de Stor.

Com membros da família Carter, visitei a cidade histórica de Sturbridge, belíssimo sítio histórico, marco da respeitável cultura inglesa em território americano.

No dia 25 de maio de 1992, convidado do Dr. David Carter, participei da solenidade de formatura de todos os concluintes da Universidade, presidida pelo reitor, tendo como homenageado especial, o reverendo Jesse L. Jackson, ex-candidato à presidência dos Estados Unidos.

[Retorna ao Sumário](#)

Fundei - e fui o primeiro Coordenador - a Residência Médica em Infectologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada no Hospital Universitário Lauro Wanderley. E desempenhei a Coordenação da Residência de Doenças Infecciosas e Parasitárias (Infectologia), no período de 10 de outubro de 1990 a 21 de junho de 1994.



Imagem do belo conjunto externo do Hospital Universitário Lauro Wanderley

Particpei da *equipe pioneira de plantonistas* em atendimento a pacientes com ***Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS)***, e lutei, com decisivo empenho, ao lado de vários colegas, para conseguir do poder público a implantação do Pavilhão Henfil, hoje uma realidade vitoriosa na Paraíba em benefício da comunidade de todo o Estado e estados vizinhos.

E nessa época pude ***diagnosticar o primeiro caso dessa doença em adultos jovem, e, posteriormente, o primeiro caso em uma paciente idosa, após transfusão de sangue em cirurgia de colelsectomia.***

[Retorna ao Sumário](#)

Atividades associativas

Como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Infectologia, em reunião na cidade do Natal (RN), durante a assembleia do Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, no Centro de Convenções do Hotel Ducal, foi-me outorgado o diploma de sócio fundador, em 04 de outubro de 1981.

No apaixonante exercício da profissão, cumpri funções representativas em associações de classe; participação na diretoria da Sociedade Brasileira de Infectologia, em quatro períodos consecutivos, alcançando ao cargo de vice-presidente nacional, na gestão do professor Paulo Augusto Ayrosa Galvão.

Participei do 1º Congresso Brasileiro de Infectologia e 1º Congresso dos Países de Língua Portuguesa, realizado no Balneário de Camboriú (SC), entre 4 e 9 de outubro de 1981.



2º Congresso de Infectologia do CONE SUL –
Associação Panamericana de Infectologia.

No II Congresso da Sociedade Brasileira de Infectologia, em São Paulo, em 1º a 5 de junho de 1983, tive oportunidade de assistir

[Retorna ao Sumário](#)

à conferência de abertura ministrada com brilho pelo cientista e pesquisador, Albert Sabin, autoridade mundial da ciência médica que descobriu a vacina contra poliomielite (paralisia infantil), a torná-lo um dos mais distinguidos benfeitores da humanidade.

Fui agraciado com os *títulos de especialista pela Sociedade Brasileira de Infectologia* no dia 30 de maio de 1986; e especialista em Medicina Interna, concedido pelo Conselho Regional de Medicina da Paraíba, no dia 16 de abril de 1997.

Perante a assembleia geral dessa respeitável entidade, durante o XIV Congresso Brasileiro, realizado em Belo Horizonte (MG), em 26 a 30 de novembro de 2005, na condição de presidente da Sociedade de Infectologia da Paraíba, ***apresentei proposta de criação do Dia Nacional do Infectologista, aprovada por unanimidade. Em outra reunião, realizada em janeiro de 2006, escolheu-se o dia 11 de abril, em homenagem à data do nascimento do Dr. Emilio Ribas, médico e pesquisador com intensa atuação no campo das doenças infecciosas e parasitárias.***

Designado pelo professor Antônio Carlos C. Toledo Júnior, presidente do XIV Congresso, proferi discurso de saudação ao professor Jaime Neves, na homenagem a ele prestada durante a solenidade de abertura, como eminente mestre a quem o curso de medicina deve a implantação da disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Curso de Pós-graduação em Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Fundei a Sociedade de Infectologia da Paraíba (SIP) e eleito o seu primeiro presidente.



Mesa composta pela primeira diretoria da Sociedade de Infectologia da Paraíba (SIP). Da esquerda para a direita, doutores – João Gomes

Damáσιο, Evanísio Roque, Ephygênio Barbosa, Francisco Orniudo Fernandes, Sonia Maria Silva, Berenice Cabral e Anleida Roque.

Presidi a Associação Médica da Paraíba (AMPB), no biênio 1988-1989. E à frente de seus destinos, *idealizei e inaugurei o Museu da Imagem e do Som, que recebeu o nome do professor Humberto Nóbrega*, um dos ícones da medicina paraibana, pioneiro da edição de livros sobre a história da Faculdade de Medicina da Paraíba e da Universidade Federal.



Posse na Associação Médica da Paraíba (AMPB)

Da esquerda para a direita: Doutores Newton Figueiredo, Antonio Ivo, Atêncio Wanderley, Delosmar Júnior e Renê Torres

A nova diretoria promoveu ampla reforma da sede da entidade, melhorando suas deficientes condições. Nessa obra, incluiu-se a *modernização do auditório, que ganhou o nome do ex-presidente Dr. Higino Brito, em homenagem tardia a esse professor das Faculdades de Medicina e de direito da Universidade Federal da Paraíba.*

Convidei o médico e escritor Raimundo Nunes para lançar seu livro sobre o memorialista Pedro Nava; e a solenidade muito concorrida realizou-se na sede da Academia Paraibana de Letras.

Nesse mesmo período administrativo, realizou-se na Estância Termal de Brejo das Freiras, o I Congresso Médico do Sertão Paraibano, de 20 a 23 de julho de 1989. Após o ato de abertura, serviu-se um coquetel com a brilhante participação do Grupo Folclórico João Claudino Fernandes, da cidade de Uiraúna, sob a coordenação do professor João Eudes Claudino.



I Congresso Médico do Sertão da Paraíba

No dia 5 de abril de 2008, recebi da Associação Médica da Paraíba, em pleno Congresso que se realizava no UNIPÊ, tocante homenagem pelos serviços que pude prestar, dedicados com amor à causa da medicina paraibana.

Aprovado pela Comissão Científica da Academia Paraibana de Medicina (APMED), tomei posse na cadeira nº 5, no dia 12 de junho de 1997, saudado pelo acadêmico José Eymard de Medeiros. Cumprindo protocolo de praxe, pronunciei discurso de elogio ao patrono da cadeira que ocupo, Dr. Luiz Gonzaga de Miranda Freire,

profissional de reconhecidas virtudes médicas e cidadão exemplar, ex-professor, ex-prefeito de João Pessoa (PB) e deputado estadual.

Na Academia, exerci o cargo de vice-presidente em dois mandatos consecutivos.



Cerimônia de posse na APMED, em foto com familiares

Os colegas João Gonçalves de Medeiros Filho, Manoel Jaime Xavier Filho e Ricardo Antônio Rosado Maia fizeram parte comigo do grupo de idealizadores do projeto do Museu da Imagem e do Som, novo Departamento do Conselho Regional de Medicina da Paraíba, um modelo pioneiro que registra a memória de médicos do nosso Estado, que tanto contribuíram e ainda contribuem na vanguarda das diversas áreas de especialização. Alguns deles participaram do importante luta travada pela fundação da Faculdade de Medicina, Associação Médica, Academia Paraibana de Medicina e demais órgãos vinculados ao plano da ciência médica.

Integrei o corpo clínico do Hospital Napoleão Laureano (HNL) durante treze anos, exercendo a presidência da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH). O Serviço encarna modelo regional no tratamento dos portadores de câncer na Paraíba, a projetar em mim, com sadio orgulho, uma fase da vida profissional que tanto me fortaleceu a consciência médica.

[Retorna ao Sumário](#)

Por ocasião da solenidade em comemoração do aniversário dos 50 anos do HNL, fiz o lançamento da Edição Especial de 10 anos do Boletim Informativo da CCIH.



BOLETIM INFORMATIVO DA COMISSÃO DE CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR

EDIÇÃO ESPECIAL

10 ANOS



Recebi a comenda de honra ao mérito concedida pela Câmara Municipal de João Pessoa no dia 28 de abril de 2004, como reconhecimento ao desinteressado trabalho que me foi dado realizar em proveito ao desenvolvimento da cidade.

No dia 1º de julho de 2019, homenageou-me a Associação Médica Brasileira (AMB – Paraíba) pelos serviços prestados à medicina paraibana, em solenidade realizada no salão de festas do Sonho Doce, com entrega da comenda pelo presidente da AMB, Dr. Lincoln Ferreira.



Flagrante da homenagem da Associação Médica Brasileira (AMB)

Participo do Projeto Árvore, em companhia dos colegas Leonardo Gadelha de Oliveira, Manoel Jaime Xavier Filho, Marcos César Lopes da Silva, Weber Toscano, Geraldo Almeida - importante

[Retorna ao Sumário](#)

iniciativa centrada na preservação da Mãe Natureza, cuidando, de modo especial, da plantação de árvores em instituições vinculadas a áreas de saúde e educação, projeto de que foi seu idealizador Dr. Leonardo Gadelha, com sua sugestão para adotar o ipê como árvore-símbolo desse projeto.

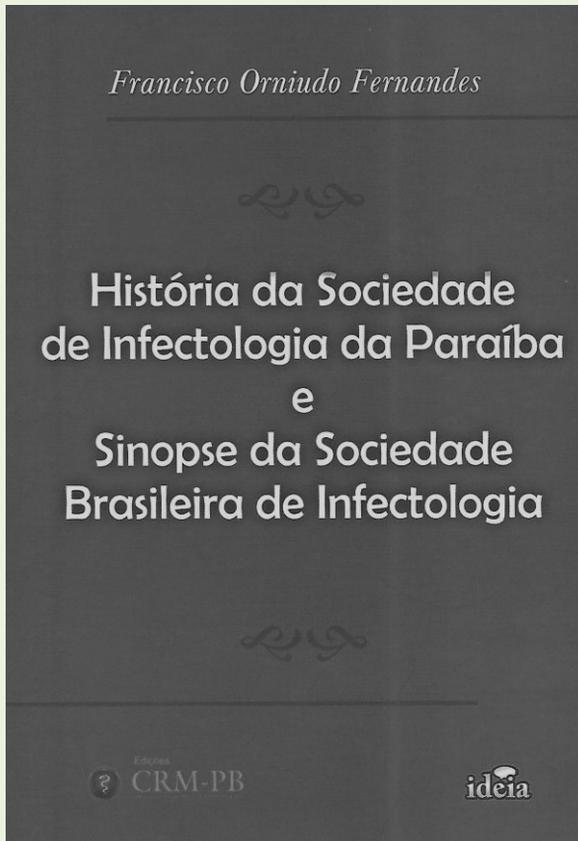


Projeto Árvore, em atuação. Da esquerda para a direita: Dr. Manoel Jaime, Márcia Kelly, Dr. Eurípedes Mendonça, Dr. Gilson Guedes, Dr. Orniudo Fernandes, Dra. Desterro Gomes e Leonardo Gadelha

Nos últimos anos, limitei as atividades profissionais de médico ao consultório, localizado na Av. Júlia Freire, 1200, sala 101, Edifício Metropolitan, no Bairro de Expedicionários.

[Retorna ao Sumário](#)

Fiz lançamento de a “História da Sociedade de Infectologia da Paraíba e Sinopse da Sociedade Brasileira de Infectologia”, em 18 de outubro de 2019 – na solenidade comemorativa ao Dia do Médico, no auditório Professor Antonio Dias, do Conselho Regional de Medicina da Paraíba.



Ao correr dos anos, superei momentos de preocupante gravidade, tempestades que me abalaram a saúde. Uma resultou em internação para tratamento cirúrgico cardíaco. Outra, numa cirurgia de diverticulite, perfuração intestinal e peritonite (infecção peritoneal, de grande gravidade).

[Retorna ao Sumário](#)

Em razão disso, é que o dever de consciência me impõe o registro de profunda e imorredoura gratidão às equipes que me assistiram, e me trouxeram mais alento de vida, chefiadas pelo Dr. Maurílio Onofre Denninger e Orlando Gomes (cirurgia cardíaca); aos médicos cardiologistas Fábio Medeiros, João Alfredo, Marcelo Queiroga, Helmann Campos Martins; ao Dr. Gilson Alves do Vale (cirurgia abdominal). Vivenciei intensamente instantes de aguda provação que me fizeram refletir sobre os verdadeiros valores da existência terrena. E, mais refortalecido porque todos esses contratempos venci, com os médicos junto a mim, para me tornar mais convicto da grandeza da vida em face da fragilidade do arcabouço humano.

Confesso-me plenamente realizado, até mesmo sem sentir o peso da “terceira idade” porque ainda em exercícios físicos e mentais, diariamente, caminhando ou pedalando pela orla marítima.

Com o surgimento da pandemia da COVID-19, no final de fevereiro de 2020, no Brasil, tomei a traumática decisão de encerrar atividades no consultório e acompanhamento de pacientes em hospitais, continuando apenas em atendimento a pacientes por teleconsultas em casos de solução menos complicada; e os casos de doentes mais graves, a exigir assistência direta, encaminho-os aos colegas em plena atividade presencial.

Sempre que posso, participo de reuniões científicas, simpósios, jornadas, congressos, live e webinar.

Gosto muito de viajar, ler, fazer palavras cruzadas, assistir a bons filmes, teatro e bons “shows”. Por algum tempo, criei coelho e pássaros (galo de campina, sabiá, conchiz, caboco lindo).

Aconselho, contudo, a todos soltarem os seus bichinhos das gaiolas, porque o lugar dos animais é a natureza. Tenho predileção por gatos, animais domésticos inteligentes e companheiros.

Nala, Rubinho e Zulu (*in memoriam*) foram presenças solidárias de muita importância dentro do nosso lar. Contamos hoje com Guedes e Gilmar, *pets* admiráveis, os “filhos” mais novos como frutos de um tempo amadurecido do ciclo existencial!

CAPÍTULO X

A FAMÍLIA- SUA CONSTRUÇÃO

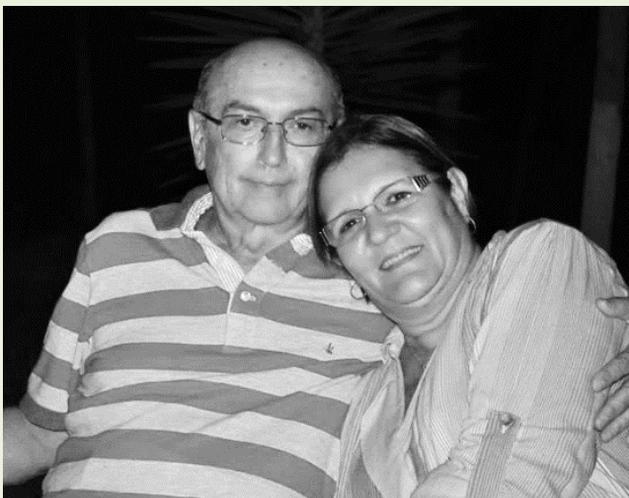
Francisco Orniudo Fernandes **A família – sua construção**

Não devo omitir-me a um registro especial.

Em minha caminhada de vida, à margem do profissionalismo, alcancei o ápice pessoal na construção de uma família como suporte e razão de ser dos sonhos maiores da longa existência.

Rodrigo, o meu primeiro filho e rebento fruto do meu relacionamento com Telma Dias Ferreira, já me trouxe o primeiro neto, Felipe, nascido da sua união com Flávia. É formado em Ciências da Computação pelo UNIPÊ (PB) e reside em Brasília.

Casei-me, no dia 2 de janeiro de 1982, com Romilda Telino de Abreu Fernandes, profissional também da área médica, descendente direto do casal Ananias de Abreu e Demétria Telino de Abreu. Desse casamento, nasceram: George, Orniudo Filho e Anna Paula.



[Retorna ao Sumário](#)

George graduou-se em engenharia civil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Posteriormente, colou grau em medicina na mesma instituição. cursou pós-graduação em Anestesiologia no Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo. Casou-se com a paulista de São Roque, Laís Pennone, com curso de designer de interiores, pais do neto mais novo, Leonardo.

Orniudo Filho concluiu a formação universitária em música pela UFPB, especialização em São Paulo e cursa o mestrado em Etnomusicologia. Casado com Rinah Souto, doutora pela Universidade de Coimbra, Portugal, exercendo o magistério na UFPB.

Anna Paula formou-se em odontologia na UFPB. Tem pós-graduação em São Paulo na especialidade de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, trabalhando nos Hospitais Paulistano e Santa Paula (SP). Concluiu Gastronomia na Universidade Anhembi Morumbi; é mestre em Hospitalidade pela mesma instituição e fez especialização em Harmonização Orofacial. Seu companheiro René Vasconcelos Filho formou-se em teologia e marketing. Residem em São Paulo.

Edifiquei como lema existencial o amor à família, o respeito aos pacientes e idosos, o apreço a todas as pessoas, sem distinção de qualquer natureza.

Registrar o carinho aos meus irmãos, Antonio Orgenaldo Fernandes, Francisco de Assis Fernandes, Francisca Francinethe Fernandes da Silva (Francineide).

Homenagem *in memoriam* – Maria Cândida Fernandes, José Orlando Fernandes, Ana Orcina Fernandes (Irmã Anita), Francisco Euclides Fernandes Filho.

E encerro estas considerações autobiográficas com sensação, sem limitação de sacrifícios, do dever cumprido de ter oferecido a cada filho, o essencial à independência na vida sob a égide de uma sólida educação doméstica, firmada no respeito do amor à família, na ética, na moral, como pilares da firme sustentação do principal núcleo social que se pretenda solidário e duradouro.

Por fim, mas não menos importante, devo destacar que, nos instantes mais difíceis do longo percurso, contei com apoio da esposa Romilda, e a ela o meu caloroso agradecimento.

[Retorna ao Sumário](#)

Esta história é fruto da união e do amor entre os meus pais Francisco Euclides Fernandes (Chico Euclides) e Ana Socorro Fernandes (Orcina), que souberam me irrigar no espírito, com a generosidade caracterizadora de ambos, tornando o filho mais impermeável aos apelos fáceis dos enganadores de uma civilização, desgraçadamente, de espinha genuflexa diante do altar das coisas materiais.



Francisco Euclides Fernandes (Chico Euclides) e
Ana Socorro Fernandes (Orcina)

CAPÍTULO XI

RECONHECIMENTOS

Reconhecimento – (1)

Minha mais acentuada homenagem às mulheres que tanto contribuíram para a minha vitoriosa caminhada na vida. São elas:

À saudosa mãe Ana Socorro Fernandes, que, morando nos distantes rincões do interior, enfrentando os problemas da escassez de recursos para atendimento na área da saúde, moveu-se da coragem de conceber 14 vezes, sem assistência médico-hospitalar.

Os partos eram assistidos por parteiras, sem curso de especialização. Foi ela uma heroína, uma santa. Morreu, quando eu tinha apenas oito anos de idade, mas, graças a Deus, ficando sob os cuidados e proteção de duas dedicadas e abençoadas criaturas: Maria Josefa da Silva e Maria da Guerra Fernandes, mais conhecida por Maria Cândida.

Ainda adolescente, Josefa veio do interior do Ceará para a nossa casa, como adotada, tornando-se importante na minha vida, sempre a revelar puro amor materno, muito carinho, desprendimento na sua permanente companhia junto a mim, sempre ao meu lado.

Maria Cândida, irmã mais velha, dotada de incomum disposição para o trabalho, quando não estava enfrentando problemas de saúde. Doou-se por inteira às atividades do lar e da religião e se constituiu com Josefa no grande suporte afetivo da criança desolada com a morte da mãe.

Maria de Oliveira Fernandes (Marinete), esposa do irmão mais velho, professor José Orlando, acolheu-me com desvelo durante o período em seu convívio, em minha terra natal Uiraúna, sempre que a ela voltava de férias, quando estudava em Campina Grande, Natal e por último em São Paulo.

Marieta Vieira, a Marieta de Nequim Maria, competente na sua profissão, foi minha primeira professora, com rara desenvoltura para ensinar e, mesmo de pulso forte, muito querida pelos alunos.

Edite Rocha foi responsável pelo suporte maternal quando estudei em Natal-RN, período em que comecei a passar por aperturas financeiras. Além dos estímulos para prosseguir os estudos, vi-me com apoio e acolhimento em sua casa fortalecido para a batalha estudantil.

Dra. Mércia Albuquerque, por todo o trabalho de apoio que deu ao Dr. Barca, ressaltando que esses dois juristas se distinguiram como patronos destemidos de estudantes, sem recursos para arcar com pagamento de honorários advocatícios, numa época em que muitos até remunerados se recusavam a atuar em processos na Justiça Militar.

Irene Carvalho, conterrânea e uma fiel amiga em São Paulo. Contei com o seu carinho quando tive que me submeter a um procedimento cirúrgico de urgência. Após alta hospitalar, continuei o tratamento e toda a etapa de recuperação no seu apartamento, desfrutando de todo conforto. Irene era uma uiraunense que brilhou como uma estrela por onde passou.

Marieta Nunes Fernandes, minha tia que me hospedou em sua residência, durante três meses, quando escolhi João Pessoa para o exercício de minha carreira de médico e professor. Nesse curto período senti o bálsamo e o aconchego do seu lar.

Demétria Telino de Abreu, mulher batalhadora, sincera, uma excelente dona de casa, mãe exigente e exemplar, são essas as qualidades de minha sogra. Ela sempre esteve do meu lado; para mim, a figura da sogra é o grande complemento de uma família sólida.

Telma, mãe de meu filho Rodrigo, mulher guerreira que enfrentou várias adversidades e ilusões no lado afetivo, mas com muita garra superou e venceu a sua luta estudantil e de educadora dos seus filhos. Faz do trabalho um forte aliado do seu sucesso. Sou seu amigo e tenho muito respeito pelos seus familiares.

Romilda Telino de Abreu Fernandes, companheira dedicada, fiel, amiga, conselheira, filha cuidadosa, mãe exemplar, excelente e responsável profissional; são esses os adjetivos que qualificam minha querida esposa. Romilda completa a minha realização pessoal.

[Retorna ao Sumário](#)

Enfim, conluo agradecendo a venerada mulher, Maria, mãe de Deus, pela felicidade de ao longo de minha existência ter tido tantos anjos protetores.

Reconhecimento - 2

Reconhecimento a esses homens generosos

Shakespeare entende estar na gratidão a singular expressão do valor real dos humildes - “A gratidão é o único tesouro dos humildes”. E a Bíblia, em algumas passagens, nos remete para esse mesmo alto valor, quando, na voz do apóstolo Paulo, nos estimula à prática de gestos de gratidão - Mostrem-se gratos.

Para mim, amor e gratidão são manifestações gêmeas, coabitando no lado mais nobre do ser humano.

Por isso, meus agradecimentos à inesgotável magnanimidade destes homens:

Ao meu grande herói Francisco Euclides Fernandes, causa inicial do ser que sou, por seus exemplos de trabalho, solidez de família, e, com sacrifício desmedido, pela luta travada para proporcionar aos filhos a mais significativa herança: a educação e concretização do sonho de ser médico.

À memória dos familiares e amigos que tanto me ajudaram a prosseguir na árdua luta pessoal até a conquista definitiva da profissão exercida.

Ao tio Monsenhor Oriel Antônio Fernandes, sempre a me indicar o caminho do saber e, nos momentos de quedas financeiras, do meu genitor, nunca se negou a ajudá-lo, com dadivosa compreensão solidária.

Ao querido irmão José Orlando Fernandes, por sua tenra acolhida em sua residência, como antes aqui mencionado, durante os cursos ginasiais e pós-graduação em São Paulo.

Ao inesquecível José Marcelino Vieira (tio Zeco), uma figura humana simples com grande espírito de família, amigo e prestimoso.

Ao meu primo Francisco Nunes Fernandes (Chico Nunes), sempre solícito nas minhas horas de aperto financeiro. Concluído o

[Retorna ao Sumário](#)

curso de medicina, sem dinheiro para comprar a passagem com destino a São Paulo, para fazer a pós-graduação, foi ele, quem prontamente me socorreu, emprestando os meios necessários à viagem.

Concluída a residência, retornei a Natal para visitá-lo e reembolsá-lo, mas o pagamento recusado terminantemente, recebendo dele e da esposa Zina a doce homenagem de apetitoso almoço, preparado com o carinho por ambos.

Ao Dr. Gentil da Cunha França, primeiro juiz de Uiraúna. Amigo da família, dele, partiu o estímulo para a minha participação no concurso ao exame de admissão ao ginásio.

Ao Sr. Aureliano Ramalho Cavalcanti pelo apoio que me prestou. Consegui acomodação para seu filho Aureliano Ramalho Cavalcanti Filho (Lelinho), no próprio Colégio Sete de Setembro, intercedendo também por mim. E passamos a residir nesse educandário pelo período de um ano.

A Antônio Marinho da Rocha (Totinha), que representou para mim apoio de real índole familiar durante o período em que estudei em Natal (RN).

Ao Dr. Varela Barca, meu advogado no inquérito policial militar do Restaurante Universitário, durante a época que fui membro do Diretório Acadêmico “Januário Cicco”. O Brasil sentia sobre ombros o peso da fase de repressão, no governo do general Costa e Silva.

Ao colega e amigo Vivaldo Costa, que me estendeu a mão amiga, dela tão necessitado nos últimos e decisivos anos do meu curso médico.

Ao professor Jair Xavier Guimarães, pela confiança e convite para ser professor auxiliar da Disciplina de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina de Sorocaba – pertencente a Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC).

Ao professor Ivan de Oliveira Castro, meu orientador durante a residência médica no Hospital Emílio Ribas (HER) e depois o seu assistente (professor assistente) na Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina de Taubaté, no curso de dois anos.

Ao professor Ricardo Veronesi, pelo apoio que me deu durante minha pós-graduação. Por ele, convidado exerci a função de

[Retorna ao Sumário](#)

preceptor dos alunos da Faculdade de Jundiaí (SP), no período de estágio no Hospital Emílio Ribas em São Paulo; com ele colaborando em suas conceituadas obras - escrevendo o capítulo sobre Ancilostomíase do seu conceituado livro - Tratado de Infectologia e Retrovíroses Humanas - HIV/AIDS da Editora Atheneu, na primeira, tendo a honra de escrever o Capítulo Ancilostomíase e na segunda, sobre AIDS na gravidez.

Ao professor Walter Tavares, pelo convite e confiança para participar colaborando com quatro capítulos do seu livro Rotinas e Tratamento das Doenças Infecciosas e Parasitárias, (4ª edição - Livraria Atheneu) e escrever o prefácio do livro Antibióticos e Quimioterápicos para o Clínico, (Edição - 2006), um dos mais consultados pela classe médica.

Ao professor Roberto Focaccia, continuador da edição do livro do professor Ricardo Veronesi pelo convite para continuar colaborando com o mesmo capítulo do livro reeditado.

Reconhecimento é gratidão, um muito obrigado.

REFERÊNCIAS

1. Anjos, Augusto dos -. Eu e outras Poesias - 2ª Reimpressão 2010
2. Medeiros, Fernandes Delby - Lembranças - brasão da família Fernandes- Halley S/A Gráfica e Editora
3. Fernandes, João Bosco; Fernandes,3 Antônio Mousinho. Memorial de Família – 2ª Edição 2009.
4. Ayres, Sebastião – Celebração. 2009, pág. 79. Editora Idéia
5. Cytrynowicz, Monica Musatti; Cytrynowicz, Roney; Stücker Ananda. Do Lazareto dos Variolosos ao Instituto de Infec-tologia Emílio Ribas “130 Anos da História da Saúde Pública no Brasil”
6. JAMB. Jornal da Associação Médica Brasileira. Ano XVI – Nº 727 – 5/11/1974.

Desde Século XX, o homem vem ultrapassando profundas transformações nos valores da vida representados pela família, professores e amigos, segmentos sociais que alicerçam uma sociedade equilibrada.

Este livro condensa sentimentos e emoções da história prolongada de uma vida profissional plena de momentos marcantes de sofrimento e alegria.

A família é a mais antiga instituição social. A estrutura familiar tradicional mudou. Hoje, a família ganhou nova configuração. Desde o ano 2020, com a eclosão da pandemia Covid-19, as famílias estão enfrentando um terremoto no ambiente dos seus lares, e os professores nos seus ambientes de trabalho com a instituição do ensino “on-line por meio das redes sociais, com aulas, palestras, lives e webinar.

A partir do século passado e nas últimas décadas, houve uma grande transformação na política educacional e comportamental, da relação professor-aluno.

Quanto aos amigos, é preciso selecioná-los, porque serão importantes suportes nos momentos de dificuldades. Quando amadurecemos não perdemos amigos, selecionamos os que são verdadeiros.

Francisco Orniudo Fernandes



CRM-PB

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA
